

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCSO

INGRID YASMINE MANENTE

**DO BICO À BOCA: O TRABALHO ITINERANTE NO CULTIVO DE UVA EM SÃO
MIGUEL ARCANJO, SP**

SÃO CARLOS

2020

INGRID YASMINE MANENTE

**DO BICO À BOCA: O TRABALHO ITINERANTE NO CULTIVO DE UVA EM
SÃO MIGUEL ARCANJO, SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais (DCSo) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como requisito obrigatório para a obtenção de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Joelson Gonçalves de Carvalho.

SÃO CARLOS

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por sempre ter me incentivado a estudar, e um agradecimento especial a meu pai Rogério Manente, que me deu todo o apoio para que eu não desistisse de terminar a minha graduação, a minha mãe Maria José, com quem pude desabafar sobre todas as dificuldades no caminho de minha graduação. Agradeço também ao meu orientador Joelson que me deu todo o apoio possível no andamento da minha pesquisa. Agradeço ao Departamento e a tantos professores queridos que me instigaram a estudar as ciências sociais. Agradeço ao parecerista da minha monografia, o professor Rodrigo, que teve disposição para ler e avaliar o meu trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos que me ajudaram a enfrentar esse ano de pandemia, em que todos os meus planos foram desfeitos e eu tive que pensar em novos planos para dar prosseguimento a minha vida e a minha formação. Um agradecimento especial ao meu namorado Hugo por ter me dado todo o suporte nesse ano difícil de pandemia e na finalização da minha graduação.

“Estou preso à vida e olho meus companheiros. Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças. Entre eles, considero a enorme realidade. O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.”

(“Mãos dadas”, de Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O presente trabalho de monografia trata sobre as condições de trabalho dos conhecidos trabalhadores da uva da cidade de São Miguel Arcanjo, cidadezinha do sudoeste paulista. A produção de uva na cidade é conhecida no estado de São Paulo, e toda a tradição cultural são-miguelense gira em torno da uva, por ser um dos principais produtos agrícolas produzidos pela cidade. Nesse trabalho, demos voz aos trabalhadores, para que pudessem relatar as suas condições de trabalho, renda, e os motivos de se tornarem boias-frias no cultivo e desbaste de uva na cidade.

Palavras-chave: condições de trabalho; trabalho na uva; produção de uva; São Miguel Arcanjo; boias-frias

ABSTRACT

The present monograph deals with the working conditions of the well-known grape workers of the city of São Miguel Arcanjo, a small town in the southwest of São Paulo. The production of grapes in the city is known in the state of São Paulo, and all the São Miguel cultural tradition revolves around the grape, for being one of the main agricultural products produced by the city. In this work, we gave voice to the workers, so that they could report their working conditions, income, and the reasons for becoming cold boiled in the cultivation and thinning of grapes in the city.

Key-words: working conditions; work on the grape; grape production; São Miguel Arcanjo; cold buoys

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 – PRAÇA DA MATRIZ DE SÃO MIGUEL ARCANJO.....	13
GRÁFICO 1 - PERCENTUAL DOS TRABALHADORES DE SMA E DE FORA DE SMA.....	45
FIGURA 1 – RAÇA/ETNIA DOS TRABALHADORES.....	47
FIGURA 2 – MOTIVOS DE TRABALHO COM A UVA.....	50
QUADRO 1 – CONDIÇÕES DE TRABALHO.....	51

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – IDADE.....	44
TABELA 2 – LOCAL DE RESIDÊNCIA.....	45
TABELA 3 - RAÇA.....	46
TABELA 4 – ESCOLARIDADE.....	48
TABELA 5 – ENSINO SUPERIOR.....	48
TABELA 6 – MEIO DE TRANSPORTE.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS

- CATI – Coordenadoria de Assistência Técnica Integral
- CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
- EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
- IBGE – Instituto Nacional de Geografia e Estatística
- IGM – Índice de Governança Municipal
- IPEA – Instituto Planejamento Econômico Social
- SMA – São Miguel Arcanjo
- PIB – Produto Interno Bruto
- PMDRS – Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável
- PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	SÃO MIGUEL ARCANJO E O TRABALHO NA UVA	13
3.	MÉTODO APLICADO NA PESQUISA	21
4.	A GÊNESE DO BOIA-FRIA	26
4.1	TRABALHO INTERMITENTE.....	29
5.	PESQUISA DE CAMPO	32
5.1	RELATO DAS TRABALHADORAS E EX TRABALHADORAS.....	32
5.1.1	Síntese.....	38
5.2	ENTREVISTA COM PRODUTORES RURAIS.....	39
5.2.1	Síntese.....	41
5.3	ANÁLISE DAS VARIÁVEIS ENCONTRADAS.....	43
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO DOS TRABALHADORES	62
	APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO DOS PRODUTORES RURAIS	67
	APÊNDICE 3 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	70
	APÊNDICE 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO	71
	ANEXO 1 – PÁGINA DO FACEBOOK	73

1 INTRODUÇÃO

O objetivo inicial dessa pesquisa foi analisar as condições de trabalho dos trabalhadores intermitentes no cultivo de uva em uma cidade do sudoeste paulista, São Miguel Arcanjo, no estado de São Paulo. Condições de trabalho que envolvem horário de trabalho, horário de almoço, equipamentos de proteção individual, salário, transporte, direitos trabalhistas, além do contrato em carteira ou não, entre outros fatores.

Os trabalhadores da uva são uma categoria de trabalhadores muito bem conhecida nessa cidadezinha do sudoeste paulista, muitos moradores da cidade em situação de desemprego recorrem a época de desbaste e/ou de colheita para o trabalho que é intermitente e temporário.

A primeira fase da pesquisa foi de levantamento bibliográfico, de procurar fontes para a pesquisa, já que uma pesquisa sobre o trabalho na uva no campo das ciências sociais ainda é incipiente. A pesquisa foi, inicialmente, respaldada pela literatura clássica sobre o tema da economia agrária no Brasil, como o historiador Caio Prado Jr e o sociólogo Florestan Fernandes, fazendo dessa pesquisa, apesar de ter um viés na ciência política, uma pesquisa interdisciplinar entre as áreas das ciências sociais e humanas.

Uma segunda etapa da pesquisa era a pesquisa de campo, que seria feita através da observação participante nos meses de janeiro a março nas lavouras de uva da cidade de São Miguel Arcanjo. O plano inicial era aplicar a observação participante para entender as condições de um trabalhador da uva na cidade, já que a pesquisa é uma pesquisa majoritariamente qualitativa. A pesquisa de campo se daria em duas fases: a observação participante nas lavouras de uva e conversas com os trabalhadores e as entrevistas semiestruturadas com produtores rurais e com os sindicatos rurais. Após a pesquisa de campo, as entrevistas com os produtores e com os sindicatos, seria feita a transcrição das entrevistas e, posteriormente, a análise dos dados e dos relatos dos trabalhadores.

A proposta inicial da pesquisa era a pesquisa qualitativa utilizando a observação participante nas lavouras de uva da cidade, experienciando o trabalho na lavoura e colhendo relatos – usando o método de história oral – de trabalhadoras

e trabalhadores da uva. A observação participante foi descartada devido à pandemia e a imposição do distanciamento social, por isso optamos em fazer a pesquisa de campo em duas fases, a primeira fase foi qualitativa, fizemos entrevistas com dois tipos de interlocutores, o produtor rural e o trabalhador da uva, utilizando o Google Forms para os primeiros e entrevistas via redes sociais para os segundos. Já a segunda fase foi a pesquisa quantitativa, onde fizemos um survey pelo Google Forms, voltado aos trabalhadores da uva.

A análise se deu de forma qualitativa e quantitativa (métodos mistos) como uma tentativa de trazer algumas informações relevantes sobre essa população – dos trabalhadores rurais da produção de uva da cidade de São Miguel Arcanjo, SP – para que possa servir de exemplo a futuras pesquisas sobre o trabalho em viticultura no Brasil. Esse tema que ainda não é tão aprofundado quando se fala em trabalho rural no Brasil, já que não é um commodity agrícola, e sua produção serve, em grande maioria (uma parcela da produção é exportada), para consumo interno. Por esse motivo o trabalho na uva ainda é pouco discutido dentro das Ciências Sociais no Brasil.

Cabe ressaltar que essa monografia é derivada de um projeto de iniciação científica submetido e aprovado pelo CNPq. Para cumprir os objetivos propostos essa monografia está dividida em quatro capítulos para além dessa introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo “São Miguel Arcanjo e o trabalho na uva” falamos sobre a importância da produção de uva para a cidade, no segundo capítulo explicamos sobre o método utilizado na pesquisa, no terceiro capítulo há uma explanação sobre a gênese do trabalho rural no Brasil e a criação do conceito de “boia-fria”, o quarto e último capítulo é a pesquisa de campo que foi realizada.

2 SÃO MIGUEL ARCANJO E O TRABALHO NA UVA

O trabalho na uva é um dos trabalhos mais comuns em São Miguel Arcanjo. O município tem uma população estimada de 33.002, segundo o último Censo Demográfico (IBGE, 2010) e tem uma economia baseada na agropecuária, na produção de uva, de outras frutas, cereais, leguminosas e chá. Apesar de ser uma cidade de produção agrícola variada, São Miguel Arcanjo é conhecida como a “Capital da Uva Itália” devido a sua história com a viticultura e vitivinicultura. Existem festas que celebram todo ano essa tradição são-miguelense, a Festa da Uva que acontece geralmente entre fevereiro e março, e a Festa do Vinho que acontece entre julho e agosto. A cidade de São Miguel Arcanjo é uma cidade de economia agrícola e que cada vez mais investe no turismo rural para o desenvolvimento econômico da cidade.

Foto 1 – Praça da Matriz no centro de São Miguel Arcanjo, SP



Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul

Em meados do século XIX, povoadores fixaram-se ao longo da estrada de ligação entre Sorocaba e o sul do país, formando novas fazendas de culturas diversas, o coronel Tenente Urias foi um dos responsáveis pelo surgimento dessas fazendas. No século XIX, a cidade era apenas um distrito da cidade de Itapetininga, SP, a história da produção agrícola da cidade de São Miguel Arcanjo e de sua emancipação também é marcada pela chegada de imigrantes japoneses e italianos no Brasil após o fim da escravatura e início do trabalho livre e assalariado.

Em 1920, o desenvolvimento socioeconômico da cidade se devia, principalmente, ao cultivo de algodão e de trigo, a cidade exportava diversos produtos agrícolas para a Europa, a Inglaterra era o principal consumidor de algodão sãomiguelense. Os proprietários rurais abandonaram o cultivo de algodão após a segunda guerra mundial, já que seu principal consumidor parou de exportar o produto, e passaram à exploração de madeira e carvão. Uma outra importante base econômica para a cidade no século XX foi o cultivo de batata, trazido pelos imigrantes japoneses, vindos ao país após a implementação de uma política de imigração pelo Estado brasileiro. A cidade só foi se tornar freguesia e conquistar um nome no ano de 1877, e só se tornou município emancipado de Itapetininga em 1908 (IBGE, 2007).

Foram também os imigrantes japoneses juntamente com os imigrantes italianos (vindos para a cidade no início do século XX) os responsáveis pelo início do cultivo de uvas de diferentes espécies na região de Itapetininga, no sudoeste paulista, tanto uvas de mesa como uvas para a produção de vinhos. A história da formação da cidade também é a história da imigração no Brasil (IBGE, 2007).

Toda a economia da cidade ainda hoje é advinda da produção agropecuária. Essa base econômica vem de sua história enquanto formação como município, o comendador Dante Carraro, imigrante italiano, introduziu a produção de trigo na cidade, e era um dos maiores proprietários de terra na cidade durante o início do século XX. Mas com sua morte, sua família se dedicou à pecuária. A primeira cultura de uva só se iniciou em 1950 com a chegada da família Masato Fujiwara que trouxe as primeiras mudas de uva Itália. Assim, a uva foi se tornando ao longo de anos, a principal base econômica da cidade até os dias de hoje (IBGE, 2007).

Segundo informações, Maximina Nogueira Torres, filha do Tenente Urias, em homenagem ao seu marido falecido, Miguel dos Santos Terra, doou à igreja, terras para construção da capela, sob a invocação de São Miguel Arcanjo, daí derivando o nome do povoado que se formou em torno da ermida. Foi elevado em 1877, à freguesia com o nome de São Miguel Arcanjo. O seu desenvolvimento socioeconômico iniciou-se com o cultivo do algodão, que saía da roça para descarçamento na cidade, em beneficiadoras Nacionais e Estrangeiras, que na década de 1920, somavam vinte estabelecimentos. Segundo alguns historiadores, essa foi a fase mais rica do Município. (IBGE, 2007)

A cidade de São Miguel Arcanjo, tradicional no cultivo de videiras, é a maior produtora de uvas da região de Sorocaba, mais da metade de sua produção é focada no cultivo de uvas finas como Rubi e Itália. Ou seja, a cidade de São Miguel Arcanjo tem seu produto interno bruto (PIB) quase todo advindo da produção de uva e de vinhos na cidade, já que pelo menos metade dos produtores rurais da cidade (sejam pequeno, médio ou grandes produtores) são produtores apenas de uvas (monocultura). Pelo menos 40% da população são miguelense é moradora de área rural, e mesmo aqueles que vivem na área urbana da cidade já trabalham ou trabalham na área rural, já que é a produção agrícola é a base da economia.

Segundo o prefeito Tsuoshi José Kodawara, a produção está crescendo ainda mais na cidade com a técnica de estufas. "Temos 3 mil produtores rurais na cidade, mas 1.500 são apenas produtores de uvas. A safra está encerrando e a previsão é atingir a produção de 5 milhões de cachos de uvas finas, como Itália, Rubi, Brasil e Benitaka, e 4 milhões de cachos de uvas rústicas, como a Niagara", informa. (CRUZEIRO DO SUL, 2015¹)

A produção de uva gera muitos trabalhos temporários em época de plantio, desbaste e colheita. Muitas pessoas aproveitam esse momento, a demanda dos proprietários de viticulturas por mais mão de obra, para conseguir uma renda extra. Existem algumas pessoas que saem dos seus estados de origem para trabalhar nas lavouras de uva de São Miguel Arcanjo e região, são contratados por meio dos "gatos".

¹ Matéria do Jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba/SP, publicada em 2015. In: <<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/602415/cultivo-de-uvas-cresce-em-sao-miguelarcanjo>> Acesso: 20/10/2020

O trabalho na uva em São Miguel Arcanjo pode ser considerado um trabalho intermitente em seu perfeito significado, o trabalhador só é pago pelas horas efetivamente trabalhadas (que podem ser pagas pela produção, pelo dia de trabalho ou pelas horas de trabalho, a depender do proprietário rural), as horas “in itinere” (o trajeto de ida e de volta do trabalho que costumam ser incluídas na remuneração salarial em um emprego) não são incluídas no pagamento de um trabalhador da uva, por exemplo, em algumas lavouras o patrão disponibiliza transporte de ida e volta para os seus trabalhadores, mas não é o caso de todas as lavouras, então o trabalhador é um “patrão de si mesmo”.

Um fenômeno moderno, discutido por teóricos atuais da questão agrária, é o “novo rural”. O êxodo rural² – famílias rurais que migraram para os centros urbanos em meados do século XX para conseguir melhores condições de vida e de trabalho – é algo comumente tratado na sociologia rural, mas hoje já estamos falando sobre o “novo rural”. Muitas famílias que permanecem vivendo no campo buscaram outras formas de reprodução social que não só a agricultura. De acordo com o sociólogo Lauro Mattei (2015, p. 40): “Um segundo aspecto diz respeito ao processo de mudança em curso nas famílias rurais, as quais passaram a não ser mais nucleadas exclusivamente pela estratégia de reprodução social a partir da agricultura”. O novo rural é um fenômeno moderno que está presente na cidade de São Miguel Arcanjo, muitas famílias rurais dependem do turismo, não só da sua produção agrícola. A cidade depende economicamente do turismo rural.

Durante o século XX no Brasil, pelo menos 22% das famílias residentes em área rural tinha algum membro da família envolvido em atividades produtivas não agrícolas, segundo Graziano da Silva e Del Grossi (1999) citados por Lauro Mattei (2015). Isso representou mudanças no mundo rural, já que a economia doméstica não era exclusivamente mantida pela agricultura. Isso se deve à modernização no campo, como já foi citado, a chegada do capitalismo no campo, à mecanização dos processos produtivos e implantação de novas técnicas utilizando insumos. Muita mão de obra se tornou descartável e a especialização da mão de obra passou a ser exigida pelos proprietários rurais.

2 O êxodo rural aconteceu devido à modernização no campo durante o século XX.

Ademais, acontece que há uma noção de que existe uma divisão social do trabalho entre o campo e a cidade, essa noção era imprecisa para definir o campo no século passado e hoje ainda mais imprecisa, como se fossem dois polos distintos, e separados por condições de trabalho distintas. Não existe essa dicotomia rural versus urbano. Muitos trabalhadores rurais vivem na cidade, muitos trabalhadores urbanos vivem no campo, e como já foi citado muitos agricultores familiares complementam a sua renda com outras atividades não agrícolas (MATTEI, 2015).

O processo de diminuição do emprego agrícola é um processo que vem acontecendo desde a década de 1970, devido ao processo de mecanização da colheita, que descartou uma boa parte da mão de obra na agricultura. Esse é o caso de muitas culturas que hoje se tornaram commodities e estão ligadas à indústria, com exemplo da soja e da cana-de-açúcar. Todavia, o cultivo de uva é impossível de ser mecanizado, e é uma cultura que exige mão de obra humana em suas fases do ciclo produtivo.

A uva é uma cultura que passa por várias etapas durante o ciclo, e existe uma diferença na produção de uvas de mesa e de uvas para vinho. Todo o cuidado com a videira exige a mão de obra humana, ainda mais pela videira se tratar de uma trepadeira. As etapas produtivas da uva envolvem: verificação do solo, adubação, plantio, tratos que envolvem poda da videira, irrigação, repouso, desbaste e colheita. Alguns dos aspectos a serem analisados nessa pesquisa é o perfil dos trabalhadores da uva, de onde vêm, sua renda mensal per capita, seu grau de escolaridade, seu gênero. Queremos saber o local de residência, se fazem parte de famílias rurais ou urbanas, se são naturais de outros estados, se possuem emprego fixo ou se atualmente estão desempregados, se são autônomos, a faixa etária, se antes de trabalharem com o cultivo de uva já trabalharam em outras lavouras. O que é sabido até então é que a maioria dos trabalhadores na uva são geralmente trabalhadores assalariados, não agricultores familiares (agricultores familiares são trabalhadores que trabalham por conta própria, em alguns casos, e é de sua produção que tiram a sua renda). Esses são algumas das variáveis que foram analisadas na pesquisa.

A discussão que se travou ao longo dessa pesquisa, sendo respaldada na literatura da sociologia do trabalho, da sociologia rural e da ciência política é sobre as diferenças entre emprego e trabalho. O emprego é aquele que tem contrato de trabalho, que tem direitos trabalhistas, FGTS, seguro-desemprego e uma certa estabilidade. O trabalho é qualquer atividade de onde o trabalhador tira sua renda e sua reprodução social.

Segundo Virgínia Fontes (2017)³, no passado a classe trabalhadora pressionou o patronato por condições melhores de trabalho, e conquistou a transformação do trabalho em emprego, hoje acompanhamos a mudança inversa: a destruição do emprego e a volta do trabalho de subsistência, falaremos mais sobre essas mudanças nos sentidos do trabalho mais adiante.

Nos últimos anos, houve uma drástica mudança no mundo do trabalho, tal mudança uma consequência das crises econômica e política que o Brasil estava enfrentando desde 2014. A reforma trabalhista (lei 13.467 de 2017), aprovada pelo ex-presidente Michel Temer, não mudou os sentidos do trabalho no país, só intensificou a crise dos empregos em curso desde 2015. O trabalho intermitente, sem registro em carteira e, portanto, sem direitos trabalhistas, deixou de se tornar exceção, tornando-se regra. A lei 13.467 de 2017 mudou significativamente o texto da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Um exemplo de mudança que a reforma trabalhista trouxe foi a regulamentação do trabalho intermitente, com contrato de trabalho temporário e pagamento por horas efetivamente trabalhadas, além de regras impostas na relação entre empregador e funcionário. O trabalhador intermitente pode ser contratado com registro em carteira por um período de tempo, muito diferente do contrato temporário já permitido na CLT antes da reforma, é que o trabalhador só será pago pelas horas efetivamente trabalhadas, todo o percurso até o trabalho não será remunerado, nem horário de almoço, nem dia de folga. Se ele falta, não recebe. Se o patrão não o chama para a atividade laboral, ele não recebe.

A regulamentação do trabalho intermitente usou o argumento de que assim o patrão teria menos despesas, enxugaria seu quadro de funcionários, não teria gastos desnecessários, já que contrataria o trabalhador por apenas alguns dias e/ou

³ O artigo é um desdobramento da intervenção de Virgínia Fontes no Colóquio Marx e Marxismo de 2016: Capital e Poder.

horas e pagaria só as horas trabalhadas. A reforma trabalhista foi muito conveniente ao empresariado brasileiro, já que com a reforma seus custos com direitos trabalhistas e previdenciários foram diminuídos.

Quando se fala em reforma trabalhista no Brasil, se fala mais sobre a questão tendo como enfoque o trabalhador urbano, pouco é comentado sobre o trabalhador rural, que também foi afetado com a reforma trabalhista. É claro que sempre existiu diferenças entre o trabalhador da cidade e o trabalhador do campo (aqui não estamos falando de local de moradia, mas de local de trabalho), o primeiro tendo condições melhores de transporte e de trabalho, assim como carteira assinada com todos os direitos previstos em lei. A informalidade sempre foi quase que regra no trabalho no campo, isso porque desde o êxodo rural, a demanda de mão de obra no campo caiu, e a demanda por mão de obra na cidade aumentou por conta da crescente industrialização. A revolução industrial aconteceu no Brasil, sobrepondo a indústria sobre o campo. Tornando melhores as condições de trabalho no urbano, e piores no campo. No entanto, a população economicamente ativa urbana (PEA urbana) no país está experimentando o crescimento da informalidade, cada ano mais, e condições de trabalho próximas das dos trabalhadores do campo, os “boias frias”.

Nessa pesquisa, pretendíamos colocar a questão sobre a reforma trabalhista no survey voltado aos trabalhadores da uva, mas não o fizemos, porque deduzimos que a reforma trabalhista não modificou as condições dos trabalhadores da uva da cidade, visto que em contato com alguns dos trabalhadores eles nos responderam que ainda não há contrato de trabalho, mesmo que contrato de trabalho intermitente seguindo a nova disposição legal.

O que nós tentamos compreender nessa pesquisa é: quais as condições em que se encontram essa categoria de boias-frias – trabalhadores intermitentes da uva – a partir de relatos de trabalhadores, ex trabalhadores e produtores rurais e através da pesquisa bibliográfica. O boia-fria, pode ser enquadrado enquanto uma categoria sociológica, produzida através do tempo, da formação histórica do Brasil, e até mesmo enquanto um produto que transita entre o período histórico da escravatura no país e o surgimento da modernização do campo e, conseqüentemente,

surgimento do capitalismo no campo, o capitalismo que despoja o camponês de suas ferramentas e meios de trabalho e o transforma em assalariado rural.

3 MÉTODO APLICADO NA PESQUISA

A metodologia utilizada ao longo da pesquisa sofreu alterações a partir das condições que o campo nos deu. A pandemia do coronavírus no Brasil impossibilitou que houvesse pesquisa de campo presencial utilizando o método da observação participante. A partir das complicações da situação que o Brasil está vivendo, optamos por utilizar a internet como ferramenta para a pesquisa de campo, e as redes sociais como o local para a busca por interlocutores da pesquisa.

Desse modo, a pesquisa foi feita através de elaboração de questionários online, direcionados a objetos diferentes: um formulário direcionado aos trabalhadores e ex trabalhadores da uva e outro direcionado aos produtores de uva da cidade. A pesquisa continuou qualitativa, devido à amostra ser pequena para uma metodologia de cunho estatístico. Teve como objetivo colher informações sobre o perfil dos trabalhadores e dos produtores rurais para entender o tema e comparar com os dados de pesquisas feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os dados coletados através do questionário online voltado aos trabalhadores da uva, tanto os que já trabalharam na uva em algum momento da vida, como os que ainda trabalham na uva tiveram 32 respondentes. O questionário foi divulgado via grupos da cidade no Facebook, grupos de feira do rolo, grupos voltados a emprego, e foi divulgado na página “O que fazer em São Miguel Arcanjo” que é uma página de divulgação de turismo rural e lazer na cidade. Através dessa divulgação conseguimos os respondentes do questionário.

Podemos dizer que se tratou até de um estudo de caso, apesar de a pesquisa ter sido realizada majoritariamente online. Explicamos aqui que a pesquisa de campo foi iniciada no mês de janeiro a fevereiro, a partir de março a pesquisa qualitativa pessoalmente foi impossibilitada pela implementação do isolamento e distanciamento social. A partir de março, resolvemos criar o questionário online, utilizando o mesmo questionário impresso que seria aplicado nas lavouras de uva, a pesquisa, antes da pandemia, ia se dar por observação participante (o pesquisador participando do meio em que o objeto está, para observar, anotar, e experienciar a mesma situação que o seu objeto de estudo) e pela aplicação dos questionários.

Então, a proposta anterior era utilizar pelo menos dois métodos de pesquisa de campo para conseguir resultados mais eficazes. Além disso, iríamos entrevistar o secretário da cultura do município, responsável pela organização da Festa da Uva e da Festa do Vinho, duas festas tradicionais de suma importância para a economia da cidade que ficaram comprometidas em função da necessidade do distanciamento social, ocorrendo menos que o planejado e esperado.

Assim, o procedimento metodológico que norteou toda a pesquisa foi o método qualitativo de pesquisa, mesmo sendo feita majoritariamente online. Os questionários online, precedidos de termos de compromisso, foram a forma encontrada para dar prosseguimento à pesquisa de campo, imprescindível para esse presente trabalho, foram divulgados em grupos no Facebook das cidades paulistas de São Miguel Arcanjo e de Itapetininga, além da aplicação do questionário em pessoas já conhecidas que em algum momento da vida trabalharam na uva. A maior dificuldade encontrada no momento foi a dificuldade em acessar interlocutores para a pesquisa. Pretendíamos, no início do ano, como já citamos, aplicar os questionários em uma amostra e aplicar a metodologia de observação participante no local de trabalho e no local de transporte dos trabalhadores da uva. Em toda a cidade de São Miguel Arcanjo existem pontos de ônibus que transportam os trabalhadores rurais para o seu local de trabalho, são nesses pontos onde mais se encontra trabalhadores das viticulturas. Era um ponto estratégico para a observação participante e a aplicação dos questionários, já que ali se concentra uma parte dos que trabalham na uva em época de desbaste.

Assim, podemos dizer que o procedimento metodológico dessa pesquisa sofreu importantes alterações ao longo do processo, devido ao contexto histórico do Brasil e do mundo, paralisados por uma pandemia. Podemos afirmar que essa pesquisa tinha como objetivo inicialmente, tinha como plano inicial o de ser uma pesquisa qualitativa utilizando dois métodos, um que já falamos anteriormente nesse relatório, a observação participante, e a história oral (métodos citados no projeto de pesquisa), utilizando não só a observação no meio em que o objeto está inserido, fazendo anotações, mas também utilizando relatos dos nossos interlocutores, relatos falados, relatos escritos, contando suas histórias de vida, por assim dizer. A pesquisa qualitativa não pode utilizar apenas um método, ela deve se esforçar para

utilizar várias fontes de evidência, deve estudar as condições da vida real das pessoas, por isso é de suma importância aplicar várias abordagens de pesquisa quando a pesquisa em questão é de caráter qualitativo (YIN, 2016).

(...) A pesquisa qualitativa difere por sua capacidade de representar as visões e perspectivas dos participantes de um estudo. Capturar suas perspectivas pode ser um propósito importante de um estudo qualitativo. Assim, os eventos e ideias oriundos da pesquisa qualitativa podem representar os significados dados a fatos da vida real pelas pessoas que os vivenciam, não os valores, pressuposições, ou significados mantidos por pesquisadores. Terceiro, a pesquisa qualitativa abrange condições contextuais – as condições sociais, institucionais e ambientais em que as vidas das pessoas se desenrolam. Em muitos aspectos, essas condições contextuais podem influenciar muito todos os eventos humanos. Entretanto, os outros métodos de ciências sociais (exceto a história) têm dificuldade para abordar essas condições. (YIN, 2016, p. 28)

Dessa forma, nosso objetivo inicial, quando submetemos o projeto e quando iniciamos a pesquisa bibliográfica era que a pesquisa de campo seria qualitativa utilizando essas duas abordagens. Iniciamos a pesquisa de campo colhendo alguns relatos de trabalhadores rurais, mas um pouco depois se iniciou o período de isolamento social no Brasil, desta forma, a abordagem metodológica foi adaptada de acordo com as condições materiais da pesquisa.

Combinamos os métodos de pesquisa qualitativa com os métodos de pesquisa quantitativa como prosseguimento à pesquisa, algumas perguntas eram abertas para relatos dos respondentes, tanto de trabalhadores rurais como de produtores rurais, para assim conseguir sistematizar os relatos para conseguir explicar as condições de vida dessas pessoas. Podemos dizer que se trata de uma pesquisa quali-quantitativa (métodos mistos), e não só qualitativa, no entanto, a amostra dessa população é uma amostra pequena que pode não ser representativa a toda a população de trabalhadores rurais da cidade, já que essa nova metodologia se trata de um plano B ao plano inicial que foi proposto.

Os materiais da pesquisa foram diversos, foram utilizados a literatura clássica sobre a questão agrária no Brasil como José de Souza Martins, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes e João Paulo Stédile, Maria Aparecida de Moraes, fazendo assim uma pesquisa bibliográfica sobre esse tema, o dos boia-frias num geral,

enquanto categoria histórica, que fala bastante sobre a realidade agrária brasileira, foram utilizados documentários e reportagens, matérias jornalísticas na internet, dados oficiais do IBGE (Censo e PNAD), EMBRAPA e IPEA, documentos oficiais das Secretarias (Secretaria da Agricultura e Secretaria do Meio Ambiente) da cidade, além, é claro, da pesquisa de campo e da participação da autora nos estandes e feiras da tradicional Festa da Uva de São Miguel Arcanjo, que aconteceu em fevereiro de 2020.

A técnica de métodos mistos, a que está sendo utilizada aqui devido à impossibilidade de uma vasta pesquisa qualitativa, é uma técnica que vem crescendo no campo da pesquisa, e que emprega a coleta de dados associada a duas formas de coleta de dados. A perspectiva que está sendo usada nesta pesquisa é a perspectiva teórica global, que utiliza variáveis como gênero, raça/etnia, escolaridade e condição econômica. A implementação da pesquisa se deu de forma simultânea, fazendo a coleta de dados quali e quanti ao mesmo tempo.

A estratégia de pesquisa que utilizamos ao longo da execução do projeto, mesmo que num momento anterior não tínhamos como proposta utilizar os métodos mistos, foi a estratégia aninhada concomitante, pesquisa qualitativa e quantitativa simultânea e que não tem um método dominante de pesquisa (quali ou quanti), no nosso caso não tem um método mais importante, eles são concomitantes e se completam para um resultado mais satisfatório. Como a nossa amostra não é muito extensa, tivemos dificuldades na coleta de dados, achamos que seria importante para os resultados dessa pesquisa que o método da pesquisa de campo fosse a técnica de métodos mistos.

O modelo aninhado concomitante pode ser usado para atender vários propósitos. Geralmente esse modelo é usado para que o pesquisador possa ter perspectivas mais amplas como resultado do uso de métodos diferentes, ao contrário de usar um único método predominante. Por exemplo, Morse (1991) observou que um projeto principalmente qualitativo pode incorporar alguns dados quantitativos para enriquecer a descrição dos participantes da amostra. Da mesma forma, ela descreveu como os dados qualitativos podem ser usados para descrever um aspecto de um estudo quantitativo que não pode ser quantificado. (CRESWELL, 2010, p. 220)

4 A GÊNESE DO BOIA-FRIA

O trabalho rural no Brasil foi criado a partir da colonização portuguesa no país. O Brasil rural que era colônia de Portugal continha uma relação entre senhor de engenho e escravizado, uma relação de hegemonia de um sobre o outro. Relação essa estudada por Gilberto Freyre em “Casa Grande e Senzala”. Um senhor de engenho poderoso, branco, proprietário de terras, descendente de europeus e de modos europeus, e de outro, o negro, animalizado, de costumes mágicos e supersticiosos, um homem sem modos (RISK, TERESO, ABRAHÃO, 2010). Podemos dizer que o trabalhador rural autônomo do século XXI é descendente do trabalhador escravizado no Brasil Colônia. Não descendente direto, é claro, mas descendente no trabalho alienado que exerce.

O trabalhador rural autônomo é um trabalhador liberto, mas apesar disso, é um trabalhador que exerce um trabalho pesado e, em grande parte, manual, para ganhar muito pouco. A única distinção entre o trabalhador rural autônomo e o trabalhador escravizado das enormes lavouras de cana-de-açúcar do Brasil Colônia é o seu status de trabalhador livre e assalariado. O Brasil, desde a época de colônia, era um país essencialmente agrícola, dependente do campo.

As conquistas sociais trabalhistas despojaram o trabalhador (criação da CLT em 1943) morador de grandes propriedades e o empurraram para as periferias da cidade, embora que nem todos os trabalhadores moradores foram para as periferias da cidade, alguns se tornaram pequenos comerciantes, mas algo em comum em todos esses trabalhadores moradores é que eles foram viver nas áreas urbanas.

Esse processo também foi assimétrico, porque nem todos os oriundos das grandes plantações, tiveram o mesmo destino. Alguns, dependendo das suas condições pessoais, se estabeleceram como pequenos comerciantes, outros assumiram novas formas de trabalho não-agrícola, mas a maioria compôs a categoria dos trabalhadores rurais chamados “boias-frias”. (RISK, TERESO, ABRAHÃO, 2010, p. 116)

Como já mencionado anteriormente, a aprovação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) paradoxalmente despojou o trabalhador rural de sua função na propriedade em que trabalhava, e demorou 20 anos para que fosse criado um

Estatuto específico para a defesa dos direitos do trabalhador rural: o Estatuto do Trabalhador Rural, aprovado em 1963. As Ligas Camponesas tiveram um papel primordial para a aprovação desse Estatuto, tendo Francisco Julião como a principal liderança na criação e aprovação desse Estatuto na Câmara. O trabalhador rural passou a ter uma relação monetizada com o proprietário de terras, e uma relação que deveria ter assegurado todos os seus direitos: direito a horas de trabalho, horas de descanso, direito a férias, a salário mínimo, etc.

Quando falamos sobre a expulsão dos trabalhadores-moradores dessas propriedades não estamos criticando a existência em si das leis trabalhistas voltadas aos trabalhadores rurais, mas é preciso entender que a criação do Estatuto do Trabalhador Rural não melhorou as condições de vida do trabalhador rural no Brasil, fazendo com que muitos se sentissem nostálgicos com a época em que viviam e trabalhavam nas terras do senhor de engenho. Os direitos trabalhistas não permitiam o trabalho gratuito, o trabalho por escambo que era como funcionava a relação de trabalho entre o trabalhador-morador e o senhor de engenho, o que fez com que o senhor tivesse que expulsar os trabalhadores de sua propriedade.

O trabalhador, expulso das terras em que vivia com a família, tendo que ir viver nas periferias das cidades, em bairros sem sistema de esgoto e de água, e ainda tendo que procurar trabalho no campo, já que geralmente era analfabeto ou semianalfabeto, sem conhecimentos técnicos, apenas o conhecimento de saber manusear a terra: esse trabalhador se torna o boia-fria que conhecemos. O boia-fria é o trabalhador rural que é caracterizado pelo trabalho autônomo e temporário nas lavouras brasileiras. O nome vem das marmitas que esses trabalhadores levam para comer no horário de almoço e que quase sempre estão frias (RISK, TERESO, ABRAHÃO, 2010). O boia-fria é um trabalhador que não tem qualquer vínculo empregatício com o patrão.

Essa categoria de trabalhadores rurais autônomos consegue trabalho em períodos de safra em curtos períodos de tempo, às vezes dias de trabalho, semanas, meses, o que dificulta e muito o registro na CTPS desse tempo de trabalho, são dificuldades de vários tipos e como são muitos trabalhadores contratados por temporada isso dificulta ainda mais o registro de todos esses trabalhadores por um curto período de tempo. Isso coloca esses trabalhadores em

uma situação vulnerável já que não tem registro, portanto nenhum apoio sindical. Os boia-frias são uma categoria que dificilmente consegue ser sindicalizada.

Na pesquisa de campo dessa presente pesquisa, os trabalhadores rurais da uva mal sabiam que havia um sindicato, apenas um dos nossos interlocutores já foi até o sindicato rural (que é geralmente um sindicato patronal) para requerer um benefício.

A dificuldade em formalizar o trabalho de muitos trabalhadores, de registrar a CPTS e fazer as anotações necessárias, fazer o controle das jornadas de trabalho é algo presente até os dias de hoje e em grandes propriedades, nas pequena e médias propriedades isso é uma dificuldade ainda maior, e no estudo que estamos fazendo isso se verificou inviável para os produtores de uva. Muitos pequeno e médio proprietários, cooperados, membros de associações, não conseguem registrar os seus trabalhadores temporários.

Segundo o Ministério Público do Trabalho é praticamente impossível aos cooperados proprietários de pequenas e médias propriedades registrarem um grande número de trabalhadores por poucos dias de trabalho. Mesmo os grandes proprietários empregam esses trabalhadores por períodos de dez a vinte dias, o que também não incentiva a formalização dos seus registros. Há dificuldades de toda ordem: registros, anotações em CTPS, recibos de pagamentos e controles de jornada, formalização das rescisões etc. (RISK, TERESO, ABRAHÃO, 2010, p. 117)

A pesquisa que conduzimos trata de trabalhadores rurais que podem caracterizados como boia-frias, eles detém todas as características de um boia-fria, muitos trabalhadores da uva já viveram no campo em algum momento de suas vidas, mas hoje vivem na cidade e buscam um rendimento no trabalho rural. Além de serem trabalhadores temporários e autônomos. Uma outra característica muito importante da definição de um boia-fria é a *desterritorialização* devido a busca por um trabalho O trabalhador rural pula de região em região do país para conseguir alguns dias de trabalho em alguma lavoura em período de safra. Algo que foi percebido também nessa pesquisa, já que uma interlocutora nos disse que costuma levar trabalhadores da cidade de São Miguel Arcanjo para trabalhar nas videiras de algumas cidades de Goiás, iremos falar mais sobre isso no capítulo da pesquisa de campo. Ou seja: muitos trabalhadores rurais são desterritorializados ao buscar um

trabalho, ficam dias longe de sua casa e de sua família em um estado que não conhecem, para conseguir prover o sustento de sua família.

4.1 TRABALHO INTERMITENTE

O trabalho que estamos analisando é um trabalho intermitente, um trabalho sem vínculo empregatício. Existem diferenças que delimitam conceitualmente o que é um emprego e o que é um trabalho, o trabalho na uva não pode ser enquadrado enquanto um emprego.

O capitalismo transforma os seres sociais em trabalhadores, indivíduos cuja utilidade na sociedade é gerar valor, e que possui uma necessidade de vender a sua força de trabalho. O indivíduo que não vende a sua força de trabalho não consegue subsistir, e é colocado às margens – como é o caso do lumpemproletariado descrito por Marx -, os que não têm emprego também podem fazer parte do *exército industrial de reserva* (homens e mulheres sempre disponíveis para exercer alguma função na sociedade capitalista). O trabalho sob o capitalismo não é mais uma atividade criativa e de transformação da natureza e se di mesmo, tal qual como foi em diversos períodos históricos, mas é nada mais nada menos do que uma atividade em que homens e mulheres garantem a sua subsistência: o salário garante assegura as condições sociais de existência . Não existe criatividade na execução do trabalho sob o capital, é um trabalho alienado (FONTES, 2017).

O trabalho intermitente não pode ser qualificado como emprego, já que em um emprego as relações de trabalho entre empregador e empregado são formalizadas legalmente. Em um emprego, o trabalhador tem direito a uma jornada de trabalho definida, a um horário fixo, a um salário mensal fixo sem flutuações, tem direito a férias remuneradas, a repouso semanal remunerado, a benefícios do INSS (afastamento, auxílio-doença), seguro-desemprego, FGTS e a aposentaria pelo INSS. Além de poder se filiar a um sindicato de sua categoria. No trabalho intermitente, por não ser um trabalho formal, não há essa seguridade social, o trabalhador não tem uma jornada de trabalho fixa, ele faz o seu próprio horário de trabalho, podendo ultrapassar as horas de trabalho permitidas na CLT. O

trabalhador intermitente não tem garantias que vai conseguir pelo menos um salário mínimo mensal.

O trabalhador intermitente não recebe pela sua jornada de trabalho, mas pela produção (nem todos os trabalhos intermitentes pagam por produção, mas uma grande maioria), o que faz muitos trabalhadores aceitarem trabalhar jornadas extenuantes para conseguir um pagamento melhor, um pagamento que pode ser por dia de trabalho, por semana, ou por mês, a depender do empregador. No trabalho rural, o pagamento pode depender de quanto está o preço do produto, ou o empregador pode fixar um valor por horas ou dia de trabalho, dependendo da lavoura.

No caso do trabalho na uva, o trabalho pode ser pago por produção (quantidade de cachos de uva desbastados) e depende do preço do cacho de uva no mercado, mas também pode ser colocado um valor fixo por dia de trabalho, o trabalhador pode ser pago todo dia ao fim do expediente, mas também pode ser pago por semana, ou no fim dos dias em que trabalhou. Existem alguns casos de pessoas que tem a liberdade de escolher quantos dias irá na videira para desbastar uva, dando assim uma sensação de liberdade que um emprego formal com registro na CTPS não tem. Essa sensação de liberdade pode ser muito atraente para os trabalhadores.

Virgínia Fontes (2017) traça algumas diferenças muito claras entre um emprego e um trabalho, um trabalho é uma atividade humana de transformação da natureza, um emprego é uma sujeição institucionalizada ao capital. O capital produz contradições muito claras, ao mesmo tempo que exige que todos possuam um trabalho para subsistir na sociedade, ele também promove uma dificuldade do acesso ao emprego com direitos trabalhistas.

Nunca houve, em nenhuma sociedade capitalista, direito ao trabalho e, se havia alguma ilusão, ela foi derrotada em 1848. Há, sim, obrigação de vender força de trabalho e essa obrigação sequer precisa ser legal, pois se assenta na “natureza das coisas” para essa sociedade expropriatória. (FONTES, 2017, p. 48)

A procura pelos trabalhos intermitentes acontece porque há uma rejeição de certos indivíduos por parte do capitalismo, embora haja a obrigação em vender a força de trabalho, o capitalismo não é obrigado a fornecer pleno emprego.

5 PESQUISA DE CAMPO

Os resultados dessa presente pesquisa podem não ser representativos a toda a população são-miguelense que trabalha ou alguma vez já trabalhou na uva em sua vida, mas lança luz a algumas inferências sobre uma determinada realidade que merece ser aprofundada. Todavia, antes de falarmos dos dados primários gerados por essa pesquisa, é importante termos alguns dados secundários para uma contextualização mais geral do município.

A população estimada para 2020, de acordo com o IBGE, é de 33.002 pessoas. O PIB per capita de R\$ 20.551,90, que é majoritariamente advindo da economia que é de base agrária. O salário médio dos trabalhadores formais da cidade de São Miguel Arcanjo é de 2 salários mínimos. As pessoas ocupadas em trabalho formal até o momento são 4.370 pessoas, ou seja, 13,3% da população do município ocupada em um emprego formal.

O PIB esperado para cidades que possuem 20.001 a 50.000 habitantes é de acima de R\$ 15.463, e a cidade de São Miguel Arcanjo/SP faz parte do grupo 4 em uma lista ordenada em grupos de acordo com a população das cidades, em pesquisa feita pelo Índice de Governança Municipal (IGM-CFA)⁴, que analisa as condições das cidades, voltadas para finanças, gestão e desempenho, um índice que busca auxiliar os gestores municipais para conseguir melhor desempenho das cidades.

Dito isso, iniciamos a discussão dos resultados, dividimos essa seção em três momentos sendo o primeiro a recuperação do relato de cinco mulheres trabalhadoras da uva que recuperam sua experiência pessoal trabalhando em lavouras de uva na cidade. O segundo momento apresenta o relato de 3 produtores rurais para em seguida, no terceiro momento, analisarmos as variáveis encontradas nas respostas recebidas nos questionários elaborados.

5.1 Relato de trabalhadoras e ex-trabalhadoras da uva

Relato 1 – H.

⁴ O IGM-CFA utiliza dados de fontes secundárias do DATASUS e IBGE. O IGM pega esses dados e faz um tratamento de limpeza.

Mulher, atualmente é agente de saúde, trabalha como agente em áreas rurais da cidade. É branca, com segundo grau completo, na faixa dos 30 e poucos anos, moradora de área urbana da cidade de São Miguel Arcanjo. Trabalhou há anos na uva desde os 18 anos.

“Comecei a trabalhar na uva quando tinha 18 anos, trabalhei até o ano passado (2019). Fiz várias coisas entre uma temporada (colheita) e outra. Desbaste de uva, tirar as florezinhas e uvinhas menores para que o cacho de uva cresça e para que as uvas não estourem, também para dar forma aos cachos. Já fiz colheita, “encaixe” de uvas, e tirar o podre depois que as uvas amadurecem. O trabalho era em cima de um banquinho para dar a altura do parreiral.

Quanto dá para tirar é relativo, depende da sua prática de produção, também depende do preço por cacho de uva. Eu ganhava em média R\$ 300 reais por semana. A alimentação a gente levava de casa, marmita, café e água. Não tinha nenhuma segurança, salve-se quem puder. Éramos expostos ao sol, ao calor intenso, chuva, veneno que era borrifado enquanto estávamos no parreiral. Fazíamos de tudo para evitar danos, mas não há segurança. Eu tive uma bronquite por gripe mal curada, por tomar chuva e secar a roupa no corpo, mas conheço pessoas que têm lesões permanentes por esforço repetitivo. E minha mãe, por exemplo, tem bursite, muita dor no quadril e nas pernas em decorrência de uma queda do banquinho que se usa para subir para desbastar as uvas.

Eu nunca trabalhei em outras plantações, meu primeiro trabalho no campo foi trabalhando na uva. Acredito sim que existam pessoas que vem de outros estados para trabalhar aqui. Na última temporada que trabalhei, tinha uma colega de trabalho que veio da Bahia para a temporada. E minha mãe levava pessoas daqui (SMA) para trabalhar na uva em Goiás, então por esse motivo eu acredito que isso aconteça.”

Esse primeiro relato é de uma jovem, casada, branca, que trabalha como agente de saúde em bairros rurais da cidade, mas mora na área urbana. Trabalhou por muitos anos com desbaste na uva, que é o período da colheita que mais precisa de força trabalho, então há contratação de pessoas para pagamento por produção. No caso, o pagamento é pelo desbaste de cada cacho de uva, e depende também do valor do cacho de uva naquele momento e da espécie da uva. H. ainda conta que

existem pessoas que transitam entre estados para trabalhar em colheitas, e na uva isso acontece também, entre Goiás e São Paulo.

Relato 2 – R

Mulher, branca, atualmente dona de casa e autônoma, na faixa dos 50 anos, moradora de área urbana periférica na cidade de São Miguel Arcanjo e com o segundo grau completo, por meio do sistema supletivo para Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trabalha desde os 9 anos com uva, nos conta que não existe contrato, o pagamento é por produção e é um trabalho temporário. O pagamento é por produção, mais ou menos R\$ 50 reais por dia de trabalho na uva.

“Comecei a trabalhar na uva com 9 anos de idade, eu desbastava uva, principalmente. Não tinha contrato, era empreita (produção), a gente ganha conforme trabalha, a alimentação é feita através da marmitta que você leva de casa e come fria.

A segurança é você quem faz, não existe outro tipo de segurança. Você fica à mercê de insetos peçonhentos. A longo prazo eu adquiri bursite no quadril e tendinite no braço. Antes da uva eu era muito nova então nunca tinha trabalhado em outra coisa, depois trabalhei no pimentão, no tomate, no maracujá, no algodão.”

R. já trabalhou em Goiás e levou pessoas para trabalhar lá. Era “turmeira” e tomava conta da produção além de trabalhar. Trabalhou na uva por muitos anos e com outras culturas. Esse segundo relato pertence a uma pessoa que pertence a mesma família de H., o que pode indicar que o trabalho na uva é um conhecimento que passa entre famílias, entre gerações. Seja para complementar a renda familiar ou para ensinar um ofício.

Relato 3 – T.

Mulher, branca, jovem, na faixa etária dos 20 e poucos, desempregada, moradora de área urbana da cidade de São Miguel Arcanjo, segundo grau completo.

“Nasci aqui na cidade de São Miguel Arcanjo e moro aqui desde então. Comecei a trabalhar na uva tem uns 2 anos (2017), trabalho no desbaste e na colheita. Eu comecei porque fiquei sabendo de

uma moça que estava levando gente para trabalhar na uva e fui atrás de serviço, não tem contrato nenhum. Por dia acho que varia da quantidade de cachos que a gente faz, pode tirar de R\$ 50 reais a R\$ 150 reais por dia. No momento não estou trabalhando em nada.

Moro na área urbana da cidade, o transporte para ir trabalhar tem um local marcado que tem hora para estar lá e daí a gente espera até eles virem buscar. Dependendo de quantas pessoas vem um carro e busca, se tem muita gente vem uma perua ou um ônibus. A alimentação a gente leva marmitta de casa e tem hora de almoço e de café.

Não fiquei doente não, nenhuma vez que trabalhei. Não sei te dizer se vêm pessoas de fora que vem trabalhar aqui. Antes da uva já tinha trabalhado na temporada de batata.”

O relato de T. é o relato de uma jovem mulher, que está iniciando sua vida no mercado de trabalho agora, com o ensino médio completo e que pela falta de melhores oportunidades de trabalho trabalha em colheitas em épocas de temporada. Em seu relato, T. conta que não existe contrato no trabalho na uva, seu pagamento é por produção, reiterando os relatos das outras mulheres e reiterando também a literatura de economia brasileira e de sociologia brasileira que trata sobre trabalho rural no Brasil, como diz Maria Azanha Ferraz Dias de Moraes (2008): “o pagamento por produtividade consiste na remuneração de acordo com o desempenho de uma determinada atividade ao longo de um dia de trabalho (NEAD, 2007, p.24), e é praticado em diversos setores, tanto agrícola quanto indústria ou serviços”.

Relato 4 – S.

Mulher, branca, na faixa dos 50 e poucos anos, moradora de São Miguel Arcanjo, moradora de área rural, pertence à família de agricultores familiares, ensino fundamental completo.

“Sou de São Miguel Arcanjo, comecei a trabalhar na uva com 9 anos de idade, meu pai cultivava uva, e trabalhei até os meus 42 anos. Já trabalhei na plantação de na colheita, praticamente tudo que se refere ao cultivo da uva. Trabalhei desde os meus 9 anos até os 20 anos para o meu pai, depois quando fui embora de casa fui

contratada pela empresa do senhor Sadao Ariga, com carteira registrada.

Quanto eu consigo tirar por dia depende, sai em torno de 50 a 60 reais por dia, e no desbaste depende do valor dos centavos, tem pessoas que chegam a ganhar no desbaste [desbaste de uvas], como preferir pronunciar, em torno de uns 80 reais, lembrando que vai depender do valor e da qualidade dos cachos para raliar [desbaste de uvas]. Então, no momento não estou trabalhando, devido a problemas de saúde.

Hoje eu moro na área urbana da cidade, ia de ônibus, saía de casa às 06h da manhã, e retornava às 17h, chegava em casa por volta das 18h às 18h30. Levava marmitta preparada em casa mesmo quando ia trabalhar.

Adquirit alguns problemas de saúde decorrentes do trabalho na uva, sim. Sim, que eu tenho conhecimento, tinham pessoas que trabalhavam na uva que eram de outras cidades e de outros estados. Com 9 anos de idade, iniciei na uva, mas quando terminava a safra meus pais plantavam outros tipos de verduras no campo e na estufa.”

Esse relato vem de uma mulher, já na faixa dos seus 50 e poucos anos, moradora de área urbana, mas que pertenceu à família de agricultores familiares, e embora hoje sendo moradora de área urbana, vem de uma família tipicamente rural e que trabalhou a vida inteira com colheita. Esse relato pode trazer uma tese a essa pesquisa de que a maior parte dos produtores de uva da cidade estão entre pequeno e médio proprietários rurais.

Relato 5 – N.

Mulher, moradora de área urbana, dona de casa atualmente e autônoma, ainda trabalha na uva em época de desbaste, 50 e poucos anos

“Então, eu comecei na uva com a minha mãe, eu tinha acho uns 8 ou 9 anos, ela me levava na uva, ela trabalhava, eu ia com ela quando quebrava o caixa que ela estava desbastando, e eu ia com ela para estar também aprendendo. E eu comecei a trabalhar na uva mesmo assim, para mim mesma né, na área rural, eu tinha uns 13 para 14 anos, a uva é um serviço, né, que você precisa estar o tempo todo em pé, não tem como você se sentar. O desbaste é um serviço que você ganha se você fizer, porque é por cacho, então

you need to make your salary. Then you work all day, you have, is, little time for lunch, coffee, some take, others not, because as it is production, then you make your salary, then you stop a lot you won't earn anything. And from there to here, I've been with my relatives for 8 years and I work in the vineyard until today, I have my courses that I did, but it is a service that you earn well, né, mainly in the harvest.

The daily wage, né, is little, you earn 50 reais per day, you have 1h for lunch, half of coffee, né, and it is from 07h to 17h, but here in the harvest you earn a little more because you can do more, but I work all year, I like to go to the vineyard, it is a job that people learn from young, then I like.

There is no one responsible for the workers, né, that I know, it is the people and the boss, and there is no contract, it is a service that you hire directly from the owner, you go by day, the transport you go by bus, the boss hires a bus to take and bring. In the past in my time when I was 13 years old, people went by foot, today it has changed, people go by bus very sure, and here people deal directly with the owner. But I don't have much to complain, I didn't get any sequelae, I didn't acquire any disease with this job, né. The security is the people themselves, it is individual, each one thinks that it is good or not, I particularly feel the places that I feel a bit tired because of the pesticides I use the mask, I don't work without a mask. No more, it is just this same that I have to talk about the vineyard service. Every year, this year I was new.

I have other ways of income, I work at home like this, autonomous, né, I make my bread and sweets, but I like to go to the vineyard, I work always in the harvest, harvest, but it is this that I have to talk about the vineyard is this. But I also worked a lot in the harvest of guava, I worked in the harvest of peach, then I adapted well to the field, to these services, né, I like.

The interlocutor N. does not have problems derived from the work in the vineyard, and she confirms the research question of whether the work in the vineyard is an informal job and whether the payment is by day of work or by production. Generally the payment is by production when it is harvest time and it is when more people need to be hired, then more people will work in this period of the culture. It is also when it is easier to get a higher payment, since the payment is by bunch of grapes, and it depends on the value of the bunch and the type of grape.

que está sendo cultivada. É na época de desbaste que mais pessoas da cidade trabalham na uva, estudantes, recém-formados no ensino médio, pessoas desempregadas, pessoas que precisam de uma renda extra.

N. trabalha no setor agrícola desde criança, ela relata que foi uma atividade que aprendeu com sua mãe, já que ia desde pequena para trabalhar, e que aprendeu um meio de subsistência trabalhando no setor agrícola, já que de época em época ela ia para trabalhar. Ela diz que não existe um intermediário, ou um “gato”, que faz a contratação dos trabalhadores daquele dia, mas que trata direto com o proprietário da terra. Ou seja, os trabalhadores que querem trabalhar um dia ou ao longo de alguns dias vão até o ponto de ônibus para pegar o ônibus que transporta os trabalhadores até a viticultura, e ao chegar lá tratam direto com o produtor rural para trabalhar. Não existe burocracia, não existe contratação de fato, e sua diária é paga pelo serviço prestado nos dias ou pela produção se for desbaste. Pela facilidade de se conseguir trabalho na uva, muitas pessoas recorrem a esse trabalho.

5.1.1 Síntese

Nos relatos acima, a característica comum entre essas mulheres é o desemprego no momento que buscaram trabalho nos parreirais da cidade. Geralmente as pessoas que trabalham como assalariados rurais informais têm algo em comum: o desemprego ou a necessidade de complementação da renda familiar. Se a informalidade no mercado de trabalho está a níveis altíssimos, no mercado de trabalho rural o nível é ainda mais gritante. E não é de hoje: com a diminuição dos colonos, arrendatários e trabalhadores permanentes no Brasil na década de 60 existe o aumento da utilização do sistema de empreita no campo brasileiro, a chegada dos trabalhadores volantes ao campo, recrutados pelos produtores rurais nas periferias urbanas e nos bairros rurais, pagos pelo dia de trabalho. Ou seja, trabalho rural informal é uma realidade brasileira, que já vem de muitos anos (BRAND, 2008).

A taxa de informalidade no trabalho rural tem diminuído, mas a passos bastante lentos, o atraso do mercado de trabalho rural o coloca para trás da cidade, sendo o trabalhador rural o trabalhador que é despojado de seus direitos, não tem

acesso ao sindicato, muitas vezes o trabalhador rural nem sabe que existe um sindicato.

Entre 2004 e 2013, diminuiu 13,16% ou 1,56% ano, mas se mantém entre uma das mais altas do mercado de trabalho como um todo. Reduzindo-se nesse ritmo, seriam necessários aproximadamente 50 anos para se chegar ao nível da informalidade/ilegalidade urbana do ano de 2013 (em torno de 27%). (DIEESE, 2014, p. 4)

Nesse momento da pesquisa encerramos os relatos de trabalhadores da uva, percebemos que das 5 pessoas que foram entrevistadas todas são mulheres que, em maioria, vivem na área urbana da cidade, embora uma das interlocutoras seja de família rural. Família rural agrícola, que é a família que vive na zona rural e que trabalha com agricultura, ou seja, depende economicamente da agricultura. A maioria dessas mulheres trabalhadoras hoje não trabalham em um emprego fixo, com exceção de H. que é agente de saúde. As outras entrevistadas são donas de casa e/ou autônomas/microempreendedoras. Uma conclusão que tiramos é que o trabalho na uva é um meio de renda da população são-miguelense, seja de quem vive nos bairros rurais da cidade, seja de quem vive na área urbana.

A uva é além da principal base econômica da cidade, uma fonte de renda da população e faz parte da cultura e do turismo da cidade, faz parte da construção histórica da cidade de São Miguel Arcanjo desde a chegada dos imigrantes japoneses e italianos para a região. A uva de São Miguel Arcanjo, serve principalmente para abastecer o mercado interno.

5.2 – Entrevistas com produtores rurais

Agora iremos trazer algumas entrevistas feitas com produtores rurais da cidade. Ao todo foram três produtores rurais que produzem uva na cidade de S. Miguel Arcanjo. Colocaremos as entrevistas na íntegra e após isso iremos fazer alguns apontamentos sobre as respostas obtidas. A primeira pessoa entrevistada é J., uma mulher jovem, que pertence a uma família de produtores rurais da cidade que já produziu uva no passado, J. já trabalhou com a família, e já trabalhou por conta própria em outras viticulturas.

Relato 1 – J.

J. é mulher, de meia idade, trabalhou na uva grande parte de sua vida, é de família de meeiros, há 15 anos atrás sua família cultivava uva, onde J. Trabalhava em épocas. Atualmente a sua família ainda trabalha com outras culturas, mas não com uva. Na época em que produziam uvas, a família de J. produzia principalmente uvas finas de mesa. Hoje, a sua família tem terras próprias. A família da interlocutora é natural de São Miguel Arcanjo, onde vivem até hoje. Ela nos conta que o pai foi meeiro por 30 anos no mesmo sítio, onde aos poucos o proprietário começou a introduzir culturas de uva. A família não tem acesso a nenhuma tecnologia no ciclo produtivo, e apenas tem acompanhamento de técnicos e agrônomos de lojas de produtos agrícolas. A plantação de uva da família de J. só tem uma colheita ao ano.

J. nos disse que no período que trabalhavam com uva não haviam trabalhadores contratados na carteira, que os trabalhadores eram de São Miguel Arcanjo mesmo e eram pagos por produção.

Relato 2 – A.

A. é homem, acima dos 50 anos, é produtor de uva na cidade de São Miguel Arcanjo, produz uva em 7 hectares da cidade e, também, produz outras culturas em suas terras que são terras próprias. A família de A. é natural de São Miguel Arcanjo, SP. Ele relata que cultivava uva desde que nasceu, está no ramo de cultivo de uva com os pais há 50 anos. Ele cultivava uva Itália, rubi, benitaka, núbia e niágara. O lucro anual com o cultivo de uva é de R\$ 70.000. O interlocutor e sua família participam da COAFAI e tem apoio técnico de instituição, mas não utilizam nenhuma tecnologia na produção. A. só tem uma colheita de uva ao ano, nos contou que contrata 20 trabalhadores por temporada, que são de São Miguel Arcanjo mesmo, eles não têm carteira assinada e são pagos por dia de trabalho.

Relato 3 – G.

G. é mulher, membro de família de produtores rurais da cidade, tem mais ou menos uns 50 anos. Sua família produz em 6 hectares de terra, só cultivava uva, as terras são próprias. A família de G. É natural de São Miguel Arcanjo. Ela nos conta

que começaram a cultivar uva há 40 anos atrás, naquele momento era a melhor opção para ajudar no sustento da família e ajudar o pai a criar os 7 filhos. A renda total da família é R\$ 7000,00 ao mês. Eles cultivam uva Itália, rubi, benitaka, niágara, núbia, todas produzidas para mercado. Lucram R\$ 30.000,00 ao ano. Não fazem parte de cooperativas nem de associações de produtores, mas recebem o apoio técnico de instituições. Assim como nos relatos anteriores, G. Nos respondeu que conseguem apenas uma colheita ao ano, sua família não contrata trabalhadores, utilizando mão de obra familiar, já que fazem parte da agricultura familiar.

5.2.1 Síntese

A cidade de São Miguel Arcanjo é uma cidade essencialmente agrícola, que tem mini, pequeno e médio proprietários rurais majoritariamente, que produzem fruticultura de clima temperado, onde a viticultura é o principal destaque, mas também produz olerícolas e pecuária extensiva. Segundo informações do Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (PMDRS-SMA) do município, criado em 2010, tendo vigência de 2010 até 2013 (não encontramos outro plano mais recente), a sociedade agropecuária até aquele momento estava representada por 11 associações de produtores rurais e 3 cooperativas agrícolas.

A produção agrícola da cidade é voltada, principalmente, a comercialização interna, esse plano criado em 2010 tinha como objetivo o desenvolvimento rural e a ampliação da comercialização de produtos agrícola para a exportação. Isso voltado ao desenvolvimento da cidade, para o desenvolvimento da área rural da cidade, para a construção de escolas rurais nos bairros, construção de pontes, etc. Esse plano foi colocado em prática pela prefeitura da cidade em conjunto com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento - CATI de Itapetininga, SP⁵.

Por ser uma cidade em que seus produtores são majoritariamente agricultores familiares, a cidade ainda sofre com a concorrência de outras cidades do estado de São Paulo para a comercialização de uvas de mesa e uvas para produção de vinho, por esse motivo, a produção de outras uvas de clima temperado e subtropical foram introduzidas pelo agricultor são-miguelense, frutas como ameixa, caqui, pêssigo, nectarina, entre outras, além da produção de eucalipto, chá, bem como a cultura de

⁵ Área total do município: 930,01 km². Área rural: 95.066,89 hectares (LUPA, 2008). Área urbana: 1.831,68 hectares. Perímetro Urbano: 19.305,39 (PMDRS, 2010).

cereais. A pecuária na cidade ocupa 60% da área do município, mas por ser pecuária extensiva ela ainda não consegue concorrer com os outros municípios do estado de São Paulo.

A maioria das propriedades caracteriza-se por serem cultivadas em regime de mão de obra familiar, sendo ainda consideradas pequenas propriedades produtivas, bem como as demais propriedades no cultivo da batata, feijão, estufas com olerícolas, necessitando de meeiros, parceiros, arrendatários e outras formas de contratação de mão de obra gerando emprego e renda diretamente a mais de 7.000 pessoas. Muitos proprietários traziam famílias de agricultores de outras regiões e de outros estados, principalmente do Estado do Paraná, estas famílias com o passar de algumas safras de colheita, adquiriram suas próprias propriedades e foram se estabelecendo no município e estes por sua vez continuam a trazer mais famílias para o município, aumentando dessa forma o cultivo de uva rústica no município nos últimos anos. (PMDRS, 2010).

Os três produtores de uva que entrevistamos estão entre pequeno e médio proprietários rurais da cidade, cultivam até 7 hectares de terra. Um dos entrevistados pertence a uma família de agricultores familiares. Os 3 produtores rurais têm, em sua grande maioria, mão de obra familiar, e conta com um número reduzido de trabalhadores, que são “contratados” temporariamente em períodos de maior demanda, um exemplo é o período de desbaste que exige um número maior de pessoas. Um dos entrevistados contrata até 20 pessoas por temporada, e os paga por Dia do Trabalho. Uma das pessoas entrevistadas pertence a uma família de agricultores familiares que não produz uva hoje em dia, mas que começou a produzir uva por dificuldades financeiras. O que nos leva a entender que a produção de uva na cidade é em maioria feita por pequeno e médio proprietários rurais, e não pela agroindústria paulista. A produção de vinho da cidade é, em maioria, artesanal, alavancada por vinícolas de agricultores familiares.

Com dados retirados da pesquisa LUPA sobre o grau de instrução dos proprietários de terra na cidade de São Miguel Arcanjo, a maioria deles (40,2%) tem apenas o antigo primário completo. Isso reitera a nossa hipótese de que a maioria dos produtores rurais da cidade pertencem a categoria de agricultores familiares.

5.3 – Análises das variáveis encontradas

As variáveis que utilizamos foram de dois tipos, qualitativas e quantitativas. A variável idade, por exemplo, é uma variável quantitativa contínua, e que usamos para entender qual a média da idade das pessoas que trabalham na uva, se são mais jovens ou de meia idade, por exemplo. O salário médio tirado por dia ou semana ou mês (surgiram essas três formas de pagamento de salário nas respostas) também é uma variável quantitativa contínua, já que salário não é um número inteiro. As outras variáveis são variáveis qualitativas, ordinais e nominais. As perguntas feitas no questionário levaram em conta a família inteira do respondente, algumas questões foram voltadas ao grupo familiar, não só ao respondente do questionário, a variável renda foi colocada como renda familiar, porque é importante para essa pesquisa saber as condições de todo o grupo familiar quando se trata de escolaridade e renda, para conseguir entender o porquê essas pessoas decidem trabalhar na uva. Algumas perguntas tinham como possíveis respostas sim e não. A variável qualitativa raça/etnia também é importante para entender a marcação racial dos trabalhadores da uva.

Gênero

Percebemos logo de início quando estávamos passando as respostas para o Excel que a maioria dos nossos interlocutores é do gênero feminino, de novo isso apareceu, já havíamos percebido que os relatos que foram aqui descritos também foram todos de mulheres. Algumas hipóteses para isso é de que o trabalho na uva, principalmente o desbaste, é considerado uma atividade agrícola mais leve. Não exige o mesmo esforço braçal que o trabalho na cana, que é um trabalho majoritariamente exercido por pessoas do gênero masculino. É como se o desbaste, por ser uma atividade exclusivamente manual e delicada, afinal a atividade envolve: luvas, máscara de proteção dependendo do local da plantação que a pessoa estiver trabalhando e banquinho porque alguns parreirais são altos. Por ser um trabalho que só se utiliza as mãos é considerado um “trabalho feminino”, por assim dizer. Aqui estamos falando do desbaste, não do trabalho em outras etapas da produção de uva.

A primeira variável utilizada no questionário, como falamos um pouco no parágrafo anterior, é a variável gênero, uma variável qualitativa categórica. Das 32 respostas obtidas no questionário, 25 pessoas são mulheres, apenas 7 são homens. Nessa amostra, 78,2% dos respondentes são mulheres.

Idade

A idade dos trabalhadores da uva variou bastante, tivemos respondentes de 16 anos até os 60 anos de idade. Logo abaixo colocaremos os dados ordenados da faixa etária dos trabalhadores da uva que responderam ao questionário online, são 32 informações contidas na tabela a seguir.

Tabela 1 – idade dos entrevistados

Idade	Pessoas	%
16 a 18	3	9%
21 a 26	5	16%
32 a 35	8	25%
36 a 39	6	19%
40 a 42	7	22%
51 a 60	3	9%
Total	32	100%

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo.

Percebemos que a faixa etária varia muito de 16 até os 60, temos desde adolescentes que trabalham na uva, até mesmo pessoas idosas, não temos uma faixa etária predominante, mas a média de idade dessa amostra que trabalha ou já trabalhou na uva é de 34 anos. Uma observação interessante que fizemos a partir da coleta de dados é que existem muitos jovens em idade escolar e que acabaram de se formar no ensino médio que trabalham com uva, isso se deve devido às exigências da família para procurarem alguma atividade laboral, como a cidade é uma cidade pequena e não existem muitas opções de emprego na área urbana da cidade, muitos jovens optam por trabalhar em safras de uva na cidade.

Local de residência

Essa variável é voltada ao município que a pessoa que respondeu o questionário reside, ela pode ser de São Miguel Arcanjo ou ter vindo até a cidade

justamente para trabalhar na uva. Essa pergunta teve como objetivo descobrir se existem muitas pessoas que vêm de outras cidades do estado de SP ou de fora do estado de SP para trabalhar no desbaste de uva.

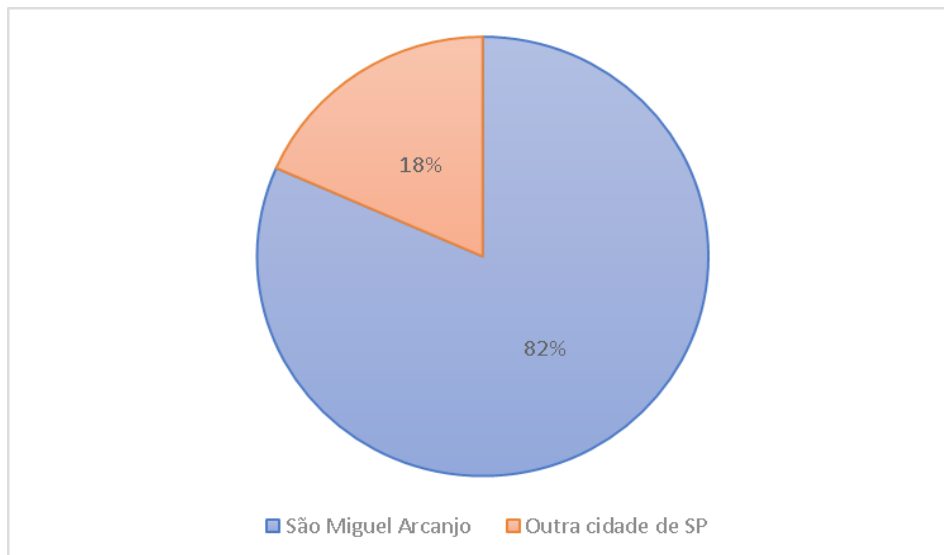
Tabela 2 – Local de residência

Área urbana	Área rural	Não mora na cidade	Total
62,5%	28,125%	9,375%	100%

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo

Das 32 respostas, a maioria assinalou que mora em São Miguel Arcanjo, SP. 26 pessoas moram em São Miguel Arcanjo e 6 moram em outros estados e estão na cidade temporariamente, seja por motivos de visita à família que reside em São Miguel Arcanjo, seja porque estão na cidade justamente para trabalhar no desbaste de uva. Em porcentagem, 82% vivem em São Miguel Arcanjo e 18,5% em outras cidades do estado.

Gráfico 1 – Percentual de trabalhadores de SMA e de fora de SMA



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo.

A variável local de residência é para saber se a pessoa vive na área rural ou urbana da cidade. No questionário havia três opções de respostas: área urbana, área rural e não mora na cidade. Observando as respostas, 20 responderam que vivem na área urbana da cidade, 9 que vivem em área rural e apenas 3 que não

moram na cidade. Percebemos pelas respostas que existe uma predominância de trabalhadores advindos da área urbana sobre a rural. Que a nossa primeira pergunta de pesquisa, ainda no projeto, para saber se existia uma “migração” de trabalhadores tipicamente urbanos e que residem na cidade para o trabalho rural, se confirmou, mesmo que apenas para essa amostra.

Raça e etnia

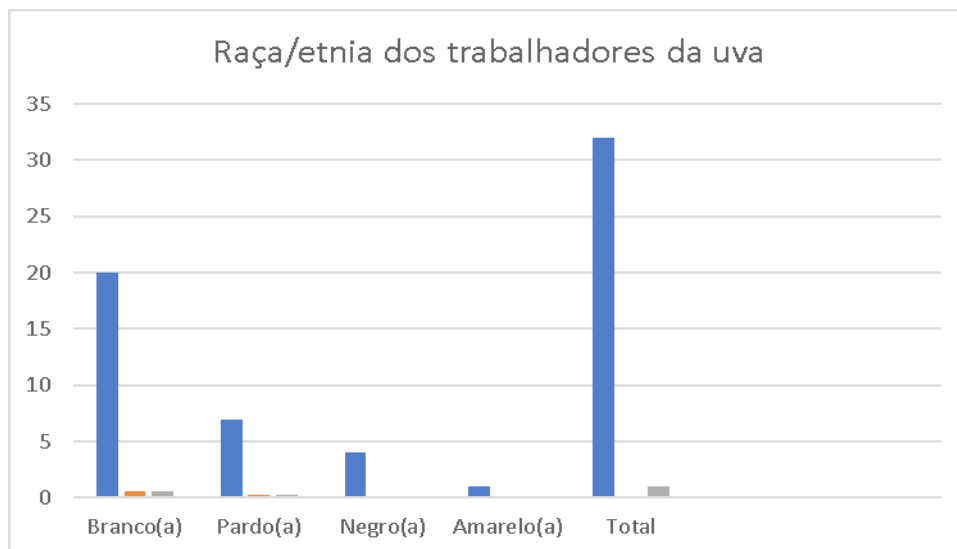
As identidades étnico-raciais que apareceram nas respostas foram: amarelo(a), pardo(a), negro(a) e branco(a). Das 32 respostas, a raça que mais apareceu foi a raça/etnia branca.

Raça	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência relativa em %
Branco(a)	20	0,63	63%
Pardo(a)	7	0,22	22%
Negro(a)	4	0,13	13%
Amarelo(a)	1	0,03	3%
Total	32	1.00	100%

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo.

A maioria dos trabalhadores respondentes desse questionário se auto identifica como branca, a segunda raça que mais aparece é a parda, e mesmo a cidade sendo uma cidade com muitas pessoas amarelas por conta da imigração japonesa no século passado, apenas uma pessoa se identifica como amarela. Essa informação não confirma algumas de nossas hipóteses de que os trabalhadores rurais que são migrantes safristas sejam em maioria pardos e negros, pelo menos não com uma amostra pequena como a que estamos trabalhando. Uma constatação importante dessa pesquisa no que se refere a questões raciais e de gênero é que a maioria dos nossos interlocutores é mulher e branca.

Figura 1 – Raça/etnia dos trabalhadores



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo

Grupo e renda familiar

Essas variáveis são variáveis quantitativas discretas e são relacionadas ao grupo familiar do respondente do questionário. Quantas pessoas vivem na casa de cada trabalhador que respondeu o questionário? Qual a sua renda familiar? Quantas pessoas do grupo familiar trabalham? Nessa seção trabalharemos com essas três variáveis, elas nos possibilitarão a melhor compreensão da condição socioeconômica do trabalhador da uva.

Observando os resultados, 24 pessoas têm um grupo familiar de duas a cinco pessoas, 5 pessoas têm um grupo familiar de uma a duas pessoas e 3 pessoas têm um grupo familiar com mais de cinco pessoas. Das 32 pessoas respondentes, 12 tem uma renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, 11 têm de 3 a 5 salários mínimos, 7 pessoas têm a renda familiar de até 1 salário mínimo, apenas uma pessoa respondeu que possui uma renda familiar de mais de 5 salários mínimos. Uma pessoa não quis informar a renda familiar. 18 pessoas têm no grupo familiar duas pessoas que atualmente estão empregadas, 7 têm apenas uma pessoa pertencente ao grupo familiar que está empregada, um dos respondentes têm todas as pessoas do grupo familiar empregadas e um não tem nenhum membro do grupo familiar empregado atualmente.

A maioria dos respondentes tem uma família que tem de 2 a 5 pessoas, tem uma renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, e tem duas pessoas no grupo familiar que estão atualmente trabalhando, seja com carteira assinada ou trabalho informal.

Escolaridade

A seguir falaremos sobre o nível de escolaridade dos indivíduos da nossa amostra. Perguntamos sobre o nível de escolaridade dos membros do grupo familiar, quantos têm o ensino médio completo ou estão na escola atualmente, já que perguntamos sobre as possíveis crianças que possam pertencer ao grupo familiar.

Tabela 4 – Nível de escolaridade dos entrevistados

Rótulos de Linha	Contagem de ensino médio e básico
duas	9
mais de duas	7
ninguém	1
todas	11
uma	4
Total Geral	32

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo.

Na tabela acima, a primeira coluna é o número de pessoas do grupo familiar que têm o ensino médio concluído e que estão na escola (contando que o grupo familiar possa ter crianças), a segunda coluna é o número de pessoas que responderam ao questionário e assinalaram essa opção. Percebemos que a maioria (11 pessoas) tem todos os membros do seu grupo familiar com o ensino médio concluído e na escola, e apenas uma pessoa assinalou que ninguém do seu grupo familiar tem o ensino médio concluído e não está atualmente na escola.

Tabela 5 – Ensino superior de membros da família

Rótulos de Linha	Contagem de Ensino superior
duas	6
mais de duas	5
ninguém	13
uma	8
Total Geral	32

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo

A maioria dos respondentes não tem ninguém da família que tem o ensino superior completo ou está no ensino superior.

Religião

A maioria dos que responderam o questionário (18 pessoas) se afirmam como católicos. 9 não tem religião, 3 são protestantes, 1 respondeu que possui outra religião, não listada no questionário, e 1 é espírita. Ou seja, 56,25% dos indivíduos da nossa amostra são católicos, convergindo a

Meio de transporte para o trabalho

Tabela 6 – Meio de transporte

12	ônibus
8	carro
12	outro (a pé, trator, etc)

Fonte: elaboração própria

Uma das perguntas importantes feitas no questionário foi o meio de transporte utilizado para ir trabalhar na uva. Observando as respostas, 12 pessoas responderam que vão de ônibus até o local de trabalho, 12 que vão de outras formas que não estavam listadas no questionário como: bicicleta, caminhão, trator (dois indivíduos responderam que vão de trator até a lavoura). No “outro” algumas pessoas também responderam que vão a pé por morarem próximo ao local de trabalho e algumas que moram no local em que trabalham. 8 pessoas responderam que vão de carro até o trabalho. Um apontamento curioso sobre o meio de transporte é que o ônibus é algo recente, faz pouco tempo que os produtores rurais passaram a fazer a contratação de ônibus para a locomoção dos trabalhadores. Hoje em dia em vários pontos da cidade existem pontos de ônibus onde esses fretados passam para buscar as pessoas para trabalhar nos parreirais e as trazem de volta.

Condição socioeconômica e de emprego

As duas variáveis são variáveis qualitativas, cujas respostas podiam ser “sim” ou “não”, perguntamos se os indivíduos possuem atualmente emprego com registro

em carteira e, em seguida, se antes de trabalhar na uva já haviam trabalhado em outras plantações.

Pelas respostas, 18 pessoas atualmente não trabalham com carteira assinada contra 14 que atualmente trabalham com carteira assinada. 21 pessoas nunca tinham trabalhado no meio rural antes de começarem a trabalhar na uva, sendo assim a uva a primeira experiência com o trabalho agrícola, contra 11 que já haviam trabalhado em plantações anteriormente.

Uma pergunta importante do questionário que foi aplicado para essa amostra é sobre a motivação em procurar o trabalho na uva, colocamos como opções: desemprego, complementação da renda familiar, dívidas, poupança, financiamento de casa/carro e outro. As respostas para a motivação em buscar um trabalho na uva foram diversas, 12 pessoas responderam que o motivo foi por estarem desempregadas, 13 responderam que foi para complementar a renda familiar, 6 pessoas responderam que foi por outros motivos, não listados no questionário e apenas 1 (uma) pessoa respondeu que foi por ter dívidas. As outras opções listadas no questionário não obtiveram respostas.

Figura 2 – Motivos de trabalho com a uva



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo.

Condições de trabalho na uva

Foi perguntado aos respondentes do questionário sobre as condições de trabalho que eles tinham/têm no trabalho na uva. Se tinham/tem carteira assinada, qual função no trabalho, se têm problemas de saúde decorrentes do trabalho, se já se machucaram, entre outras.

Quadro 1 – Condições de trabalho dos entrevistados					
Tem registro em carteira?	Tipo de trabalho	Problemas de saúde decorrentes do trabalho	Opinião sobre o trabalho	Já se machucou?	Já precisou do sindicato?
Não	Desbaste	Não	Péssimo	Não	Não
Não	Colheita	Não	Ruim	Sim	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Sim	Não
Não	Desbaste	Não	Ruim	Sim	Não
Não	Desbaste	Não	Péssimo	Não	Não
Não	Colheita	Não	Bom	Não	Não
Não	Plantio	Não	Regular	Não	Não
Não	Plantio	Não	Ruim	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Bom	Não	Não
Não	Desbaste	Sim	Ruim	Sim	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Não	Não
Não	Colheita	Não	Bom	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Péssimo	Não	Não
Não	Desbaste	Sim	Ruim	Sim	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Não	Não
Não	Desbaste	Sim	Péssimo	Sim	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Péssimo	Não	Não
Não	Colheita	Não	Ruim	Não	Sim
Não	Desbaste	Não	Ruim	Sim	Não
Não	Desbaste	Sim	Ruim	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Bom	Não	Não
Não	Colheita	Não	Regular	Não	Não
Não	Colheita	Não	Regular	Sim	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Ruim	Não	Não
Não	Desbaste	Não	Regular	Sim	Não
Sim	Colheita	Não	Regular	Não	Não
Não	Colheita	Não	Bom	Não	Não

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo.

Apenas um dos respondentes afirmou que possui registro em carteira desempenhando sua função em uma viticultura, cerca de 22 pessoas (68,75%) trabalham na uva desbastando cachos, 8 (25%) trabalham na época de colheita e apenas 2 (6,25% da amostra) trabalham na época do plantio. Apenas 4 (12,5%) tem problemas de saúde decorrentes do trabalho, enquanto 28 (87,5%) afirmaram que não possuem nenhum problema de saúde decorrente do trabalho nas parreiras de uva. 13 (40% da amostra) pessoas consideram as condições de trabalho regulares, 9 (28%) pessoas opinaram que consideram as condições de trabalho ruins, 5 (15%) pessoas consideram as condições boas e 5 (15%) consideram as condições de trabalho péssimas.

Cerca de 71,8%, ou seja, 23 pessoas responderam que nunca se machucaram trabalhando na uva, contra 9 (cerca de 28,12%) que responderam que já se machucaram durante o trabalho. Das 32 pessoas, apenas uma respondeu que já precisou do sindicato rural patronal para conseguir um plano de saúde. As outras 31 pessoas nunca precisaram recorrer ao sindicato, algumas fizeram algumas observações dizendo que nem sabiam que existia um sindicato.

Trabalho rural e local de moradia

Perguntamos às pessoas se já moraram na área rural da cidade, para a melhor compreensão da experiência de vida no meio rural, do trabalho agrícola, a grande maioria dos nossos interlocutores já viveram na área rural da cidade em algum momento da vida, apesar de hoje viverem na área urbana. Apenas 6 (18,75%) pessoas nunca moraram em algum bairro rural da cidade, as outras 26 (81,25% da amostra) já viveram, em algum momento da vida, na área rural.

Também perguntamos se trabalham em outras culturas ao longo do ano, já que a maioria das plantações de uva da cidade só tem um ciclo produtivo e é também apenas no período do desbaste que exige maior contratação de pessoas para o trabalho, 12 pessoas responderam que trabalham em outras culturas ao longo do ano, perguntamos sobre quais culturas, as respostas foram: morango, tomate, batata, laranja, ameixa, chá-mate (tem uma fábrica de chámate na cidade), legumes em estufa, nêspera, eucalipto, e uma das pessoas respondeu que faz parte de uma família de agricultores familiares e ao longo ano trabalha com sua família

com o cultivo de culturas diversas. As outras 20 pessoas responderam que não trabalham em outras culturas, além da uva.

Formas de pagamento de salário

Das respostas sobre a forma de pagamento pelos dias de trabalho, algumas das respostas foram: por dia de trabalho, por produção e por semana. Acreditamos que isso se dá pelas particularidades entre um produtor rural e outro, e pelo trabalho desempenhado, existem diferenças na forma de pagamento se a pessoa trabalha no plantio, se ela trabalha no desbaste, ou na colheita.

17 pessoas responderam que ganham por produção, pelo quanto de uva que desbastam, essas pessoas são as mesmas que trabalham apenas na época de desbaste. 9 pessoas responderam que recebem por semana e 6 que recebem por dia de trabalho. O salário, segundo os interlocutores, varia de R\$ 80 a R\$ 100 por dia se você trabalhar bem e já for acostumado com o trabalho, se o pagamento é por dia, de R\$ 200 a R\$ 600 na semana se o pagamento é por semana de trabalho, e de menos de 1 (um) salário mínimo até R\$ 2400 por mês se o pagamento for por mês de trabalho. Um interlocutor nos respondeu ainda que já conseguiu ganhar R\$ 3000 a R\$ 4000 em 2 meses de trabalho com desbaste de uva. O salário varia porque depende do valor do cacho de uva no momento da safra, e a maioria das pessoas trabalham por safra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como adiantado na introdução, a cidade de São Miguel Arcanjo, SP, foi construída historicamente através da economia agrícola, principalmente pela produção rural dos colonos japoneses no século XX, que introduziram várias espécies de uva na agricultura são-miguelense. A cidade se tornou cidade devido à agricultura. O trabalho agrícola é a principal fonte de renda da população: a maioria das pessoas que vivem na cidade, seja em área urbana ou rural, já trabalharam alguma vez em alguma cultura, como trabalhadores informais, diaristas.

Essa pesquisa, por ser uma pesquisa de iniciação científica, não teve o propósito de explicar a realidade de todos os trabalhadores rurais informais que trabalham com uva da cidade, mas de trazer uma contribuição para futuras investigações sobre o trabalho na uva na cidade. O tema em si é um tema muito amplo, e que deve ser aprofundado com uma amostra maior e que seja representativa a população. Todavia, é bom ressaltar que a própria CLT, apesar de ter parágrafos dedicados ao trabalho rural, sempre foi muito deficiente quando se trata de regulamentação do trabalho no campo, o campo está muito aquém da cidade quando se trata de trabalho informal.

Ao longo dessa pesquisa pudemos perceber que ser trabalhador rural não necessariamente implica em ser morador de área rural, e ser morador de área rural não necessariamente implica em se envolver em alguma atividade agrícola. Com a chegada do que alguns pesquisadores chamam de Novo Rural, muitos moradores de áreas rurais se engajam com outras atividades, atividades não agrícolas. Além de existirem moradores de área rural que trabalham na cidade, existem moradores de área rural que trabalham com o turismo rural.

O turismo rural é uma atividade que vem crescendo na cidade de São Miguel Arcanjo, é claro que alguns produtores rurais e agricultores familiares também se engajam em turismo rural, mas existem moradores de área rural que só trabalham com turismo rural, e retiram sua renda daí. Sabemos que a cidade é sede de um parque de preservação ambiental de suma importância para o país, o Parque Estadual Carlos Botelho, e por isso muitas pessoas moradoras dos arredores do Parque retira sua renda do turismo rural.

A maioria dos trabalhadores da uva residem na área urbana da cidade, pelo menos os entrevistados por nós para essa presente pesquisa, então são trabalhadores rurais que vivem na cidade e que por algum motivo migraram para o trabalho no campo. Embora esse perfil seja maioria, existem outros perfis de trabalhadores de uva da cidade, com exemplo de trabalhadores da uva que também são membros de famílias de agricultores rurais, e de alguns que por viverem em área rural trabalham na uva e em outras culturas.

Com o crescimento do trabalho informal no Brasil também se percebe o crescimento do trabalho na uva na cidade, isso porque o trabalho na uva é um trabalho fácil de se conseguir, fácil no sentido de ser acessível, já que a cada ponto da cidade existe um ponto de ônibus que te leva até a plantação e lá você ganha a sua diária. Ou seja, na cidade cada vez mais moradores de área urbana estão trabalhando na uva e em outras atividades agrícolas, por conta do desemprego. Não conseguimos mapear se houve crescimento do trabalho na uva após a implementação da reforma trabalhista, embora fosse um dos nossos objetivos para essa pesquisa, então para esse ponto não podemos falar.

A reforma trabalhista incentivou o trabalho intermitente em praticamente todos os setores, inclusive o agrícola. O texto da reforma trabalhista diz sobre regulamentar o trabalho intermitente, pagar o trabalhador intermitente por hora de trabalho prestada, mas considera período de trabalho somente o período em que o trabalhador está efetivamente trabalhando, sem considerar o tempo que o trabalhador utiliza para se deslocar até o trabalho. Há o recolhimento ao FGTS e ao INSS, mas só as horas que são efetivamente trabalhadas e pagas, o empregador também tem a liberdade de contatar o empregado intermitente no momento que precisar deste, e dispensar os seus serviços quando bem entender. A rotatividade no trabalho rural é uma realidade, e é um dos setores econômicos onde há mais rotatividade, só fica atrás do setor de construção civil. Além da rotatividade, o trabalho rural é um dos setores onde há mais informalidade, onde os contratos são apenas verbais, e a reforma trabalhista pode acentuar esse problema (BENEVIDES; BORGES, 2018). O sistema de empreita (de contratação de “gatos” para recrutar trabalhadores) pode ter se acentuado com a reforma trabalhista aprovada por Temer (Lei 13.467/2017).

As primeiras conclusões que chegamos, desde o início da pesquisa, é de que a fonte dos rendimentos da família de um trabalhador rural não advém apenas do trabalho rural, mas de outras eventuais atividades não agrícolas exercidas por um ou mais membros da família, como já citamos anteriormente, o próprio turismo rural é uma dessas fontes quando se trata de uma família rural, mas uma família urbana exerce outros empreendimentos e o trabalho na uva é só uma das atividades remuneradas exercidas por um ou mais membros da família.

Como o trabalho na uva é um trabalho de época os trabalhadores costumam desempenhar outras funções ao longo do ano, trabalham em outras atividades, muitas vezes também informais, sem contrato de trabalho. Uma outra fonte de rendimento são os programas sociais, aposentadorias e pensões. Se tratando de uma família de agricultores familiares sua fonte de renda também vem de sua própria produção, porque muitas vezes o migrante safrista (migrante safrista é o trabalhador que trabalha em diversas plantações ao longo ano, pulando de plantação em plantação) é um agricultor familiar que precisa vender sua força de trabalho para complementar a renda familiar, já que só a sua produção não consegue dar conta, fato esse extensivo para outros lugares do Brasil quando se observa os resultados da Pesquisa por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE.

Outras conclusões que chegamos nessa pesquisa é a de que o trabalho na uva é um trabalho que não pode ser mecanizado, um trabalho manual, desde a plantação até a colheita, mas que existem certas divisões de gênero a partir das funções nas videiras, por exemplo, o desbaste é o trabalho mais comum na cidade de São Miguel Arcanjo, a época de desbaste é a época em que mais precisa de mão de obra, percebemos que na nossa amostra a maior parte das pessoas que trabalha com desbaste é mulher. Talvez a maior parte de quem trabalhe no desbaste é mulher, por ser uma função mais “delicada”, que exige mãos pequenas e detalhismo, trabalho feito com cuidado, e por ser considerado um trabalho mais leve que a plantação, por exemplo.

Essa é uma hipótese que só poderá ser confirmada com uma amostra maior e mais representativa a cidade. O desbaste também é a maior parte do trabalho disponibilizado à população, quem tem acesso ao trabalho na plantação e na colheita geralmente é quem já vive na área rural, é de família de agricultores, então

trabalha para sua própria família em regime de mão de obra familiar, mas também trabalha para terceiros. Quem vive na área urbana trabalha mais em períodos de desbaste de uva, onde a demanda é maior. É no período de desbaste onde existe a migração do trabalhador urbano para o campo, e a migração de um trabalhador rural de uma outra cidade para São Miguel Arcanjo e de outro estado para São Miguel Arcanjo.

As condições de trabalho na uva são condições precárias, no mesmo local onde é despejado venenos e pesticidas é onde ficam os trabalhadores, eles mesmos se protegem utilizando equipamentos de segurança comprados por eles mesmos, também são frequentes os acidentes, já que para desbastar uva dependendo da altura da parreira o trabalhador precisa de um banco para alcançar. A segurança, até onde se sabe, é feita pelo próprio trabalhador, não há monitoramento por alguma outra pessoa. O trabalho é um trabalho totalmente informal, intermitente, feito através de um contrato verbal que acontece de duas formas: ou pelo empreiteiro (ou “gato”) ou diretamente com o patrão.

O pagamento, depende do tipo de trabalho que a pessoa está desempenhando, o desbaste tem como pagamento por produção dependendo do valor do cacho da uva que se está cultivando, a plantação e a colheita dependem do produtor rural, podem ser pagamento por dia de trabalho ou por semana de trabalho.

A precarização do trabalho é uma realidade do trabalho na uva em São Miguel Arcanjo, mas não se deve culpabilizar os produtores rurais da cidade, que são em maioria pequeno e médio proprietários, alguns dos produtores rurais são agricultores familiares que tem como a maior parte da mão de obra sendo familiar. São produtores rurais que concorrem com todo o estado de São Paulo e fora do estado para o comércio de suas uvas, suas vinícolas são vinícolas artesanais, sua produção está muito longe de conseguir competir com a agroindústria paulista. O produtor rural são-miguelense está muito longe de ser transformado em uma empresa capitalista. A cidade de São Miguel Arcanjo é uma cidade que ainda está muito longe de ser industrializada. São os pequeno e médios módulos fiscais em São Miguel Arcanjo que são a base de sua economia agrícola.

A informalidade e a precarização do trabalho rural está muito longe de acabar, ela está diminuindo ao longo dos anos a passos lentos, mas muito se deve a

extinção dos postos de trabalho, não a regulamentação dessas atividades laborais, a maior parte dos assalariados rurais ainda hoje está na condição de trabalhadores informais, isso era comum antes da reforma trabalhista ser aprovada e hoje percebemos o aumento da informalidade no trabalho urbano. A baixa escolaridade de muitos assalariados rurais é um fator que os leva para o trabalho rural informal, e isso quase sempre se traduz a baixas remunerações, assim como as dificuldades para contribuir com o INSS, já que a média de contribuintes ao INSS entre os trabalhadores rurais é de 43,6% (DIEESE, 2014).

A informalidade no mercado de trabalho rural é uma realidade que foi sendo construída pela nossa História econômica, pela história da escravatura que mais tarde foi substituída pelo sistema de colonato, e depois pelos meeiros, e que posteriormente foram substituídos pelo proletário rural (ou boia-fria), e que foi esquecido com o êxodo rural e o desenvolvimento das cidades, com a industrialização do país. O trabalhador urbano ganhou a CLT, e o trabalhador rural? Permaneceu nas mesmas condições do século passado. Para o trabalhador rural, o pior trabalho urbano é melhor do que qualquer trabalho rural.

No caso de São Miguel Arcanjo uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo, que produz, majoritariamente, para consumo do mercado interno, o produtor rural não consegue investir em infraestrutura para produzir em maior escala, muitos produtores não tem sequer acompanhamento técnico, o apoio que eles têm é das cooperativas e associações que participam. Se eles não têm sequer investimento do governo para aumentar a sua produção como teriam para investir em melhores condições de trabalho a seus trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo (org.). *Adeus ao trabalho? - ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 15ed. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

BENEVIDES, Nauani Schades; BORGES, Carolina Biazatti. *Regulamentação do trabalho intermitente: modernização ou precarização dos direitos do trabalhador?* In: TECNOLOGIAS, Novas. *Jurídicos Internacionais El Seminário Internacional De Pesquisa Trabalho, Tecnologias, Multinacionais E Migrações Ttmms*. 2018.

BRAND, Juarez Rubens. *Do latifúndio à empresa*. [S.l: s.n.], 2008.

Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Lei n.º 5 452, 1945.

CRESWELL, John. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE. *O mercado de trabalho assalariado rural brasileiro*. Estudos e Pesquisas, n. 74, p. 33, 2014. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2014/estpesq74trabalhoRural.pdf>.

DIAS DE MORAES, Márcia Azanha Ferraz. *O trabalho por produção na economia rural brasileira*. Relatório Pesquisa, 2008. Grupo de Estudos de Mercado de Trabalho Agrícola – GEMT.

D'INCAO, Maria Conceição. *Boias-frias, desafio para o sindicato rural?* Lua Nova, São Paulo, vol.1, no.4: 73-78, 1985.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. *Variação geográfica do tamanho dos módulos fiscais no Brasil*. ISSN 1518-4277 novembro, 2012.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil - ensaio de interpretação sociológica*. 5ed. São Paulo: Globo, 2006.

_____. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. São Paulo: Editora Zahar, 1968.

FONTES, Virgínia. *Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho*. Marx e o Marxismo v.5, n.8, jan/jun 2017.

IANNI, Octavio. *Origens agrárias do Estado brasileiro*. Brasília: Brasiliense, 1984.

IBGE CIDADES. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>.

IGM-CFA. Disponível em: <https://igm.cfa.org.br>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Agropecuário 2017*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censoagropecuario/censo-agropecuario-2017#caracteristicas-estabelecimentos>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pnad Contínua*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnadcontinua>.

FONTES, Virgínia. *Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho*. Marx e o Marxismo v.5, n.8, jan/jun 2017.

FREDERICO, Nilce Terezinha; MARCHINI, Júlio Sérgio; DUTRA DE OLIVEIRA, José Eduardo. Alimentação e avaliação do estado nutricional de trabalhadores migrantes safristas na região de Ribeirão Preto, SP (Brasil). *Revista Saúde Pública*, São Paulo, 18: 375-81, 1984.

MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARX, Karl. *O Capital livro I*. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MATTEI, Lauro. *Emprego agrícola: cenários e tendências*. Estudos Avançados 29 (85), 2015.

NUNES DE MORAIS, Michelle. *Trabalhadores rurais e cidadania no Brasil 1930-1964*. Em Tempo de Histórias - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília PPG-HIS, no. 19, Brasília, ago/dez. 2011. ISSN 1517-1108.

PRADO JUNIOR, Caio. *A revolução brasileira; A questão agrária no Brasil*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL ARCANJO. *Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável 2010 – 2013*.

RISK, TERESO, ABRAHÃO. *O perfil do bóia-fria: uma abordagem sócio-antropológica*. Cadernos CERU, série 2, v. 21, n. 1, junho de 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Trabalho rural: as marcas da raça*. Lua Nova, São Paulo, 99: 139-167, 2016.

STEDILE, João Pedro. *A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda - 1960/1980*. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

YIN, Robert. *Pesquisa qualitativa do começo ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO: TRABALHADORES DA UVA EM SÃO MIGUEL ARCANJO, SP.⁶

Esse questionário faz parte de uma pesquisa social desenvolvida pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O questionário é anônimo.

1. Qual é o seu gênero?

() feminino

() masculino () outro

2. Qual a sua idade?

R: _____

3. Qual a sua cidade de origem?

() São Miguel Arcanjo, SP

() outra cidade do estado de SP

R: _____

() outra cidade de fora do estado de SP,

(escreva qual) R: _____

4. Você mora em qual área da cidade?

() urbana

() rural

() não mora na cidade, está aqui temporariamente.

5. Como você se identifica etnicamente?

() branco(a) () pardo(a) () indígena () amarelo(a) () negro(a)

6. Quantas pessoas residem em sua casa (contando com você)?

() de 1 a 2

⁶ Algumas informações estão desatualizadas para essa data, já que o questionário foi elaborado e aplicado no início do ano de 2020.

- de 2 a 5
 mais de 5 pessoas

7. Qual a renda total de sua família?

- Até 1 salário mínimo (R\$ 1045,00)
 1 a 3 salários mínimos (até R\$ 3135,00)
 3 a 5 salários mínimos (até R\$ 5225,00)
 mais de 5 salários mínimos (mais de R\$ 5225,00)

8. Quantas pessoas em sua família trabalham atualmente?

- uma todas
 duas ninguém mais de duas

9. Quantas pessoas em sua família estão na escola ou têm o ensino médiocompleto?

- uma mais de duas ninguém duas todas

10. Quantas pessoas de sua família estão no ensino superior (ou têm o ensinossuperior completo)?

- uma todas
 duas ninguém
 mais de duas

11. Qual a sua religião?

- católica religião de matriz africana outra protestante
 espírita não tem religião

12. Qual meio de transporte você utiliza (ou utilizava) para ir trabalhar na uva?

- carro bicicleta
 ônibus outros meios

13. Atualmente você está trabalhando em um emprego com registro em carteira?

sim não

14. Antes de trabalhar na uva você já tinha experiência em trabalho em plantações? Se sim, escreva qual.

sim

R: _____

não

15. Você já morou na área rural da cidade?

sim

não

16. Você tem (ou tinha) algum tipo de registro em carteira no seu trabalho nauva?

sim não

17. Em que época você costuma/costumava trabalhar na uva?

plantio desbaste

colheita

18. Quais os fatores que levam (ou levaram) você a trabalhar na uva? (pode marcar mais de uma opção)

necessidade de complementação da renda da família

desemprego

dívidas

poupar dinheiro

financiamento de casa ou carro

outro: _____

19. Você tem algum problema de saúde causado pelo trabalho na uva? Se sim, escreva qual. () sim

R: _____

() não

20. Além da uva, você trabalha em outras colheitas/plantações ao longo do ano? Se sim, quais?

() não

() sim

R: _____

21. Como você considera as condições de trabalho e as condições de insegurança na lavoura de uva em que trabalha (ou trabalhou)?

() péssimo () bom

() ruim () ótimo

() regular

22. Você já se machucou no trabalho na uva? (Se sim, escreva como e os motivos)

() sim

R: _____

() não

23. Você já precisou ser assistido/orientado pelo sindicato rural patronal?

() sim () não

24. De que forma o sindicato rural te auxiliou? (Se a resposta 23 foi sim, escreva a resposta abaixo)

R: _____

25. Como é feito o pagamento pelo seu trabalho na uva?

() por produção

() por dia

() outro _____

26. Quanto você costuma tirar por dia de trabalho?(Se for por mês ou semana, especifique na resposta)

R: _____

Esse questionário foi aplicado presencialmente no mês de fevereiro e online utilizando o Google Forms até o final do mês de setembro, divulgado em grupos de feira do rolo da cidade de São Miguel Arcanjo e de Itapetininga. As perguntas foram precedidas por um termo de compromisso. Tivemos apoio da página “O que fazer em São Miguel Arcanjo” para divulgação dos questionários do Google Forms.

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO: PRODUÇÃO DE UVA NA REGIÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO E ITAPETININGA/SP

Esse formulário é destinado aos produtores rurais que destinam uma parte de sua produção, ou se dedicam totalmente, à viticultura (produção de uva) e que residem e/ou trabalham na região de São Miguel Arcanjo e Itapetininga, interior de São Paulo. Esse questionário faz parte de uma pesquisa de iniciação científica e de uma monografia de conclusão de curso da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

1. Em quantos hectares de terra você produz uva?

R: _____

2. Além de uva, você cultiva outras culturas?

R: _____

3. Suas terras são próprias ou arrendadas de algum proprietário de terras?

R: _____

4. Você e sua família são naturais de São Miguel Arcanjo/Itapetininga? Se não, de onde vocês vêm?

R: _____

5. Quando você começou a cultivar uva? Conte-nos sua história.

R: _____

6. Em média, qual a renda total de sua família?

R: _____

7. Qual o seu lucro anual com o cultivo de uvas?

R: _____

8. Quais as principais espécies de uva cultivadas em sua propriedade? E para que fins? (Uvas de mesa, vinhos, etc) Cite.

R: _____

9. Você participa de alguma associação ou cooperativa de produtores rurais? Se sim, qual?

R: _____

10. Você possui algum acompanhamento técnico de alguma instituição?

R: _____

11. Você utiliza alguma tecnologia em seu cultivo? Qual?

R: _____

12. Quantas colheitas de uva você consegue durante o ano?

R: _____

13. Quantos trabalhadores você costuma contratar por temporada?

R: _____

14. Você sabe de que cidades/estados vêm esses trabalhadores?

R: _____

15. Algum de seus trabalhadores são contratados em carteira?

R: _____

16. Como os trabalhadores são pagos?

por produção

por dia de trabalho

por semana de trabalhos

por mês de trabalho

O questionário acima foi precedido por um termo de compromisso, e teve o foco em outro interlocutor: o produtor rural da cidade de São Miguel Arcanjo que produz em alguns de seus hectares uva. Nosso objetivo aqui era ter informações sob essa outra perspectiva, o do empregador dessa categoria de trabalhadores que, de certa forma, gera trabalho no município. Algo difundido na mentalidade do são-miguelense, percebido durante a pesquisa de campo, é que a atividade de “trabalhar na uva” é algo provisório, temporário, difundido na população, de boca, entre vizinhos, se alguém está precisando de uma renda extra, acabou de sair do ensino médio, está de férias da escola, está desempregado, é falado “vai na uva, já é época de desbaste”.

APÊNDICE 3

Questões da entrevista com perguntas semiestruturadas

1. Você é natural de São Miguel Arcanjo? Ou vem de outra cidade/estado?
2. Quando você começou a trabalhar na uva? E por quanto tempo você trabalhou?
3. Você trabalhava na plantação ou na colheita? Você pode descrever como era o trabalho?
4. E a contratação foi feita por quem? Como é o contrato de trabalho onde você trabalhava?
5. Quando dá para tirar por dia trabalhando na uva?
6. Você trabalha em mais um emprego? Qual?
7. Você mora na área urbana ou rural de São Miguel? Como é o transporte da ida e da volta para o trabalho?
8. E a alimentação?
9. Você adquiriu algum problema de saúde decorrente do seu trabalho na uva?
10. Você sabe se existem pessoas de outras cidades/estados que vem trabalhar por aqui em época de uva?
11. Você, antes de trabalhar na uva, já havia trabalhado em algum outro trabalho em outras plantações?

Essas perguntas foram utilizadas inicialmente, com o objetivo de fazer as entrevistas com os trabalhadores na uva, tendo assim dois tipos de métodos para obtenção de dados: os questionários e as entrevistas. É óbvio que ao longo da entrevista outras perguntas se desenhariam, surgiriam após as respostas dadas pelo interlocutor, mas tendo perguntas já elaboradas, um roteiro para a entrevista, esperávamos ter uma coesão entre as entrevistas feitas.

APÊNDICE 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada **“Do bico à boca: o trabalho itinerante no cultivo de uva em São Miguel Arcanjo, SP”**, desenvolvida por Ingrid Yasmine Manente, estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (campus São Carlos), e orientada por Joelson Gonçalves de Carvalho.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender a economia baseada na produção de uva da cidade de São Miguel Arcanjo e o trabalho itinerante dos trabalhadores da uva.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de questionário/entrevista semi-estruturada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seu orientador.

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

São Miguel Arcanjo, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

ANEXO 1 – Página do Facebook “O que fazer em São Miguel Arcanjo”

Página de turismo da cidade de São Miguel Arcanjo, SP, que nos auxiliou com a divulgação da pesquisa.



Link da página: <https://www.facebook.com/oquefazersaomiguelarcanjo>